



Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas
Departamento de Serviço Social



Monografia

A influência da arte no processo de desfeticização da vida cotidiana:
particularidade, partidarismo e luta de classes.

Izabella da Rocha Santos

Mariana, MG
2019

Izabella da Rocha Santos

A influência da arte no processo de desfeticização da vida cotidiana:
particularidade, partidarismo e luta de classes.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Serviço Social da
Universidade Federal de Ouro Preto como
requisito à obtenção do título de bacharel
em Serviço Social.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Garcia da
Silva

Mariana, MG
2019

S237i

Santos, Izabella da Rocha.

A influência da arte no processo de desfeticização da vida cotidiana [manuscrito]: particularidade, partidarismo e luta de classes / Izabella da Rocha Santos. - 2019.

70f.: il.: color.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Garcia da Silva.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.

1. Arte - Filosofia - Teses. 2. Serviço social - Teses. 3. Realismo estético - Teses. 4. Estética na literatura - Teses. I. Silva, Marlon Garcia da. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 316.7

Catálogo: ficha.sisbin@ufop.edu.br



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL



FOLHA DE APROVAÇÃO

Izabella da Rocha Santos

A influência da arte no processo de desfeticização da vida cotidiana: particularidade, partidarismo e luta de classes

Membros da banca

Marlon Garcia da Silva - Doutor - Universidade Federal de Ouro Preto
Kathiuça Bertollo - Doutora - Universidade Federal de Ouro Preto
Carina de Souza - Mestre - Fundação Marianense de Educação Comunidade da Figueira

Versão final
Aprovado em 05 de dezembro de 2019

De acordo

Professor Orientador: Marlon Garcia da Silva



Documento assinado eletronicamente por **Marlon Garcia da Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/12/2019, às 23:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0028636** e o código CRC **CD01D8A6**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.204033/2019-32

SEI nº 0028636

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

Aos adolescentes e colegas dos projetos
Lavras de Versos que me instigaram,
ensinaram, foram inspiração e fôlego para
o desenvolvimento desse trabalho de
conclusão de curso.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me conduzir, ser fortaleza e calma em todos os momentos. “Nada tragas contigo, porque a teu lado eu estarei. É hora de lutar! ”

Aos meus pais, Hélio e Auxiliadora, que se fizeram presentes com muito amor, e por me incentivar durante toda essa etapa; à minha mãe por sempre dizer as palavras certas e me acolher nas tantas ligações por medo de não conseguir.

A minha irmã Nayara que mesmo distante fisicamente nunca deixou de acreditar e me apoiar. Sorte a minha ter você, e poder ser sua confidente. “Longe, longe, longe aqui do lado. Paradoxo: nada nos separa! ”

Ao agregado, meu cunhado Luiz, que também fez parte dessa trajetória.

Ao meu irmão de coração Arthur que sempre foi alegria, carinho e refúgio.

A minha avó Dina pelo carinho e por estar sempre na torcida. E a minha avó Domingas (*im memorian*) que ao me dizer “nunca deixe de lutar por aquilo que você acredita” impediu que eu desistisse em meio a tanta dor que foi nossa despedida. “Você existe em mim”.

Ao meu orientador Marlon Garcia por ser paciente e compreensivo, e por todo empenho ao tornar nossas discussões teóricas momentos agradáveis e de construção coletiva. Além de toda experiência e troca na extensão.

Aos docentes que compartilharam conhecimento, nos fizeram vislumbrar a construção de um novo horizonte societário, e a perspectiva crítica de uma profissão que é resistência; aos servidores da UFOP pelas contribuições. Em especial, as professoras, Kathiúça Bertollo, que durante todo o curso foi referência, e compartilhou tantos momentos acadêmicos, militantes e de vida. E também por todo aprendizado e incentivo na extensão; A Carina de Souza que me apresentou Lukács, e que além de contribuir para minha formação acadêmica, é exemplo de construção de vida e de profissional; alguém que me mostrou, lá o início do curso, que é preciso sentir orgulho de quem somos e do que defendemos! A vocês duas, gratidão por estarem em mais um importante momento, enquanto membros dessa banca!

E a professora Rafaela Fernandes que me acompanhou em cinco disciplinas, supervisora acadêmica, que a cada aula me instigava, motivava e me fazia ter certeza que escolhi o curso certo! Obrigada por tantas trocas, dentro e fora das salas de aula.

Aos companheiros e companheiras da turma 15.2 que tornaram essa caminhada mais densa e rica. Ao grupo de trabalho, Hércules, Igor, Vanessa e Letícia que se

desdobrou em um quinteto que rendeu muitos bons momentos e fortaleceu à caminhada. Vanessa que foi a dupla forte, de incentivo e apoio e cumplicidade. Let, obrigada pelo ombro amigo e por tantos conselhos, por ser a pessoa que sempre trouxe o equilíbrio, as piadas ruins e esteve comigo do primeiro ao “nono” período; E com Nayara não foi diferente; Nay obrigada pelas ligações de horas, pelos conselhos, pelos funks, pela parceria, pelas aventuras e por me tornar parte sua família, tenho muito orgulho de quem você é e pela nossa amizade; A Vitória que é um exemplo pra mim, que é companheira de militância e de vida, que é uma mulher sábia e sensata, e sempre esteve de braços abertos pra me acolher nos momentos mais duros que passei; A Andreza que sempre foi o sorriso que tranquiliza, que se desconstruiu junto comigo, que viveu os momentos mais fortes e os mais “loucos” que esses quatro anos pode nos proporcionar, que foi um presente da poesia pra mim; Ao Lucas por chegar com toda sua intensidade e tornar um amigo/irmão, companheiro, que cuidou nos momentos ruins mas que sempre fez com que a alegria fosse o nosso melhor junto; A Thayná por tantos bons momentos, e por ser a leveza dos nossos duros cotidianos no ICOSA, sempre nos lembrando o que é “tato social”; A Larissa que chegou chegando, e esteve ao meu lado quando eu mais precisei, me incentivou e me fortaleceu; enfrentou a loucura do ENESS 2019, e deixou esse fim de graduação mais divertido, um presente pra mim; As amigadas que chegaram pela extensão, que sorte ter me aproximado de Mari Monteiro, uma mulher que me transmite força, que sabe ouvir e é de uma sensibilidade incrível, obrigada pelas trocas. E Laissa, que é luz onde passa, dona do sorriso mais aconchegante e que esteve presente em importantes momentos. Ao Edvaldo desde o primeiro dia dessa graduação trouxe muitas palavras de tranquilidade, esperança, para tornar essa jornada mais serena. A Ligian por transmitir leveza e positividade. Ao meu vizinho e amigo, Marco Antônio, que ouviu, dividiu e esteve em todo o processo de construção desse trabalho, que sempre vinha com suas músicas, com os mimos e as festas deixando tudo mais fácil de encarar. A Mari Assis por ouvir 24h por dia desse TCC, pelas breves leituras e incentivo. E por dividir momentos massas na nossa “mansão”.

A Nívea, pela supervisão de campo de estágio, pela amizade e por tanto aprendizado, de experiência profissional e de vida. Você fez essa experiência ser uma via de mão dupla nesses três períodos de estágio!

Ao OcupalICSA e o Centro Acadêmico de Serviço Social da UFOP Igor Mendes – Gestão Voz Ativa que me fizeram valorizar ainda mais a coletividade e a importância

da luta. Especialmente por terem sido fundamentais na “descoberta” da minha militância. Ao “Programa de Extensão Mineração do OuTro” que desde 2017 tem sido o ambiente mais agradável da graduação, a extensão que me faz acreditar que é possível uma educação pública, gratuita e de qualidade, que me fez entender que nosso conhecimento acadêmico não é o suficiente senão estivermos em constante troca e construção junto à comunidade, e a realidade. Tenho um carinho enorme por todas as pessoas que passaram por essa extensão nesse tempo. Ao Filipe Coelho pela emoção e palavras certas, por sempre ter nos instigando a viver a extensão.

Aos Lavras de Versos, “Sto. Antônio” e “Cabanas” por me permitirem aprender tanto com vocês, por cada oficina e por tantas discussões incríveis. Vocês foram fundamentais para minha formação e para que este trabalho se realizasse.

A Tainara por ser a “minha pessoa” sempre, minha melhor amiga, que mesmo distante fisicamente foi fundamental no processo desse trabalho, obrigada por ouvir, por toda paciência, incentivo, conselhos e pela parceria de tantos anos. A madrinha Mônica por todo amor e incentivo. A Carol Ricier, Joyce, Ana Clara, Pedro e Geovana e que torceram por mim, vibraram com minhas conquistas e por compreenderem minha ausência!

É o fim de um ciclo, início de um outro momento, é “Por mim, pelos meus, pelo povo. É tempo de medo, choro e dor. Mas também é tempo de esperança e união, de força para lutar por nossas existências” e como bem falou Drummond “Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”.

“Ó VIDA FUTURA! NÓS TE CRIAREMOS

Criaremos a humanidade e um mundo sem classes sociais. Sem que o oprimido seja um ser dual, que tem sua subjetividade sufocada. Construir, projetar, articular, o futuro está em nossas mãos. Onde o amor possa ser amado.

Vida, constituída de fases, quero dormir sem medo de acordar. A liberdade terá um valor central. Queremos um mundo onde o ser supere o ter.

Uma vida onde as pessoas se reconheçam. Seremos socialmente iguais, seremos totalmente livres. Que as formas de conquista do opressor, existam apenas nos livros de história. Eu sou o meu futuro.

Te criaremos sem a dor da opressão, onde o passado e o presente são determinantes para um novo futuro. Onde a liberdade se torne algo comum. SIM! Nós te criaremos, riaremos, iaremos, aremos, remos, emos, mos!

(Andreza Caroline, Edvaldo Rocha, Filipe Coelho e Izabella Rocha.)

RESUMO

O presente trabalho, partindo de experiências e reflexões da autora na sua trajetória no curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto, expõe um estudo bibliográfico que apresenta a partir da categoria da vida cotidiana, estudada por György Lukács na obra *A peculiaridade do estético*, o contexto das relações do indivíduo com o mundo, nos processos autoconstitutivos do humano e das suas categorias, compreendendo também as determinações, as vivências sociais no conjunto contemporâneo, capitalista, de exponenciação dos modos e das formas de ser, de pensar e de sentir fetichizadas. Traz as categorias da realidade para determinações mais precisas da peculiaridade e da força do reflexo estético e artístico, no âmbito da filosofia histórico-materialista, marxista, com um estudo e discussão pautados nas categorias do singular, do particular e do universal. Essas categorias são identificadas à objetividade, no sentido que suas correspondências e relações se dão na vida cotidiana, nos processos de humanização e na história; elas portam existência objetiva, características da própria realidade. Também são categorias refletidas de diversas formas, nos diferentes campos da atuação humana, como aquele que é próprio do estético e do artístico. Nesse campo de reflexo e atuação, as representações da realidade e as formas criativas se concentram no campo da particularidade, ultrapassando tanto os limites do fenomênico e do singular, como os limites do conceitual e do universal. Verificou-se, portanto, a arte e o estético como potencialidades dissolutores dos fetiches, dos limites da subjetividade diante da aparência das coisas, tratando essa questão fundamentada também numa discussão da categoria do partidarismo, considerando ainda trabalhos desenvolvidos na UFOP nos níveis do ensino e da extensão universitária, bem como uma aproximação à obra “Sentimento do mundo” de Carlos Drummond de Andrade, com o objetivo de salientar a importância e a potência desses trabalho e expressões para a expansão da subjetividade humana rumo à um novo horizonte societário.

Palavras-chave: Vida cotidiana; Arte; Desfetichização; Particularidade; Partidarismo; Serviço Social; Emancipação humana.

ABSTRACT

The present work, starting from experiences and reflections of the author in her trajectory in the course of Social Work of the Federal University of Ouro Preto, exposes a bibliographical study that presents from the category of everyday life, studied by György Lukács in the book *The peculiarity of aesthetics*, the context of individual's relations with the world, in the self-constitutive processes of the human and categories, including determinations, experiences in the contemporary, capitalist set of exponentiation of modes and fetishized ways of being, thinking and feeling. Brings the categories of reality for more precise determinations of the peculiarity and strength of the aesthetic and within the historical-materialist, Marxist philosophy, with a study and discussion based on the categories of singular, particular and universal. These categories are identified to objectivity, in the sense that their correspondences and relationships occur in everyday life, in humanization processes and in history; they carry objective existence, characteristics of reality itself. Are also categories reflected in different ways, in the different fields of human action, as one that is proper to the aesthetic and the artistic. In this field of reflection and performance, representations of reality and creative forms focus on the field of particularity, surpassing both the limits of the phenomenal and the as the boundaries of the conceptual and the universal. Therefore, the art and aesthetics as dissolutive potentialities of fetishes, of the limits of subjectivity in the face of the appearance of things, addressing this grounded also in a discussion of the partisanship category, also considering Works developed at UFOP at the educational and university level, as well as an approach to Carlos Drummond de Andrade's "Feeling of the World", in order to emphasize the importance and potency of these work and expressions for the expansion of human subjectivity towards a new societal horizon.

Keywords: Daily life; Art; Defetichization; Particularity; Partisanship; Social Work; Human emancipation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 – ESTRUTURA ONTOLÓGICA DA VIDA COTIDIANA E FORMAS SENSÍVEIS FENOMÊNICAS.....	14
2 – ARTE E FORMAS SENSÍVEIS INTENSIFICADAS: REFLEXÕES A PARTIR DA CATEGORIA DA PARTICULARIDADE	26
3- POTENCIALIDADE DA ARTE NO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO HUMANA	37
3.1 Função social da arte e desfetichização.....	37
3.2 Arte e Partidarismo.....	40
3.3 Lavras de Versos e “Sentimento do mundo”	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
ANEXOS.....	57
ANEXO A.....	57
ANEXO B	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso partiu de um interesse da autora, em seu processo de graduação no curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto, que se deu em três importantes momentos: num primeiro momento, quando cursou a disciplina de “Teoria Social e Serviço Social III”, possibilitando uma aproximação da discussão da teoria lukacsiana. Num segundo momento, quando ingressou enquanto bolsista no “Programa de Extensão Mineração do Outro”,¹ que tem na composição de suas ações os projetos Lavras de Versos, que junto à comunidade promove círculos de cultura, trazendo reflexões da vida cotidiana, a partir da arte, neste caso, a poesia; bem como o “Curso de Extensão Ontologia Estética – Arte e Sociedade” que pautou e proporcionou acesso teórico à categorias que compõe a fundamentação deste trabalho. Num terceiro momento, o desenvolvimento de pesquisa de iniciação científica, vinculada a Pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação da UFOP, intitulada de: “Vida cotidiana, forma poética e desfetichização”.

Considerando as vivências e reflexões de aproximadamente um ano e meio enquanto estudante extensionista, identificou-se no percurso das oficinas/círculos de cultura dos projetos “Lavras de Versos” que era necessário aprofundar a compreensão da função efetiva da poesia na vida daqueles sujeitos sociais.

Vale destacar que no modo de produção capitalista vigente nesta sociedade, onde a lógica de produção da riqueza social implica, inevitavelmente, na reprodução contínua da pobreza, onde o produtor não é dono dos meios de produção, tampouco daquilo que ele mesmo produz, o trabalho realizado cotidianamente se apresenta alienado, quer dizer, expropriado pelo capitalista (burguês), aquele que possui meios de produção, investe na compra de força de trabalho para produzir mercadorias, se apropria e concentra a riqueza que é socialmente produzida. O progresso e a generalização do capitalismo, assentado na contradição entre o capital e trabalho fazem emergir o fenômeno conhecido como “questão social”, uma expressão que surge para dar conta do pauperismo, que se expressa numa multiplicidade de fenômenos na vida cotidiana.

¹ O Programa de extensão Mineração do Outro, vinculado ao curso de Serviço Social e a Pró-reitoria de extensão universitária da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) – é um Programa marxista de cultura e crítica social. E é composto em 2019 por cinco projetos vinculados a ele: O Lavras de Versos Santo Antônio/São Gonçalo, Lavras de Versos Cabanas, Cine Faísca, Mostra Silvio Tendler de Cinema e o Curso de Extensão Ontologia e estética –arte e sociedade.

Embora breve, essa é uma referência imprescindível e muito potente para explicar a realidade contemporânea, dentro da qual estão os territórios de abrangência dos projetos “Lavras de Versos”; territórios e populações marcados pelas múltiplas e cotidianas expressões da “questão social”.

Sendo assim é inevitável que as discussões e reflexões feitas a partir da poesia não perpassem o “caminho” da teoria social crítica, da tradição cultural que vem de Marx e do marxismo, no tratamento do cotidiano no capitalismo e suas contradições. Tratando deste modo de produção e do modo como ele se conforma, é possível entender que as relações de produção e reprodução de riqueza e vida são fetichizadas, o que concorre para que o ser social não se reconheça enquanto classe, não compreenda que as contradições expressas na realidade são consequências deste modo de produção.

Dessa forma, um dos objetivos do estudo é revelar que a arte possui um caráter desfetichizador. Os objetivos centrais da pesquisa consistem em discutir as categorias da vida cotidiana, da particularidade, do partidarismo, bem como relacioná-los às vivências, experiências e reflexões dos projetos de extensão e da obra poética de Carlos Drummond de Andrade², tratando a questão da arte a partir de uma ontologia histórico-materialista do ser social.

Este estudo é relevante para a potencialização das ações extensionistas mencionadas, trazendo elementos teóricos que sustentam e fundamentam a realização e o objetivo dos projetos “Lavras de Versos”; e não só, o estudo é relevante também para a profissão do Serviço Social brasileiro, que ao longo das últimas décadas, alinhando-se aos interesses e projetos da classe trabalhadora, vem acumulando nos planos teórico-metodológicos, ético-políticos e técnico-operativos um arsenal de cultura crítica. Destacando a importância da expansão de estudos e pesquisas que tratam e discutam a dimensão da subjetividade humana, as possibilidades e as formas de sua potencialização.

O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica que teve como referência algumas das principais obras de Lukács, como *A peculiaridade do Estético*, *Introdução à uma Estética Marxista*, bem como de estudiosos da obra de Lukács e das questões em torno da arte e do estético.

² Poeta, contista e cronista brasileiro do período do modernismo. Natural de Itabira – MG, é considerado um dos mais influentes poetas brasileiros do século XX.

O estudo está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo aborda a categoria da vida cotidiana, sua estrutura ontológica, as formas específicas do pensamento, do comportamento e das atividades do ser social nessa esfera.

O segundo capítulo, explora as categorias da singularidade, particularidade e universalidade, destacando a presença destas na realidade, antes mesmo de estarem no pensamento. Lukács identifica que essas categorias portam existência objetiva. Traz também a discussão na qual o autor defende o particular como categoria central da estética. Além de uma aproximação às peculiaridades dos reflexos científico e estético, suas especificidades e distinções.

O último capítulo se organiza em três frentes, fetichização-desfetichização, categoria do partidarismo, e trazendo por fim uma articulação das categorias mais gerais com os projetos “Lavras de Versos” e a obra “Sentimento do mundo”.

1 – ESTRUTURA ONTOLÓGICA DA VIDA COTIDIANA E FORMAS SENSÍVEIS FENOMÊNICAS

Para trazer a categoria da vida cotidiana estudada pelo Lukács na *Estética*, num movimento inicial, é importante destacar que a filosofia – que sempre foi muito racionalista, onde a razão sempre foi distanciada do ser racional como um ser vivente, como um ser sensível e social – num sentido de ser muito intelectualista, por vezes se mostrava aristocrática. E para pensar nesse terreno mais “descrente”, o mundo corriqueiro, a cotidianidade é um dos campos que para Lukács ficou menosprezado. Isso é uma questão que devemos tratar com cuidado, porque a vida cotidiana deve ser tratada a partir do mundo prático/sensível, a teoria nasce “de baixo” para “cima”, dos problemas, das vivências humanas, e não do âmbito da razão para o mundo. Para Lukács, as elaborações subjetivas precisam partir da facticidade, dos fenômenos que aparecem na superfície da vida, ou seja, a dimensão da fenomenicidade é crucial.

O comportamento do homem na vida cotidiana é ao mesmo tempo o princípio e o fim de toda atividade humana. Isto quer dizer que, se imaginarmos a vida cotidiana como um grande rio, veremos a ciência e a arte emergirem e se apartarem dele como formas superiores de captação e reprodução da realidade, veremos ainda que tanto um quanto outro, de acordo com seus fins específicos, diferenciam-se e se constituem individualmente, atingindo sua forma pura nesta peculiaridade – que tem origem nas necessidades da vida social – para, em seguida, e em consequência de seus efeitos, de sua ação sobre a vida dos homens, desaguar novamente no rio da vida cotidiana. Esta, por sua vez, é continuamente enriquecida com os produtos mais elevados do espírito humano, assimilando-os a suas necessidades práticas, diárias, de onde surgem, mais uma vez, como questionamentos e demandas, novas ramificações das formas de objetivação superiores” (LUKÁCS, 1981a, I, p. 7 apud PATRIOTA, 2010, p.63)

Trazer a imagem do rio comparando-a com essa relação homem/mundo faz compreender as determinações, as vivências, levando em consideração de que se trata de um homem inteiro, esse homem (ser social) com tudo que ele porta, com seu relacionamento com o mundo, no seu processo de humanização, com todos os seus sentidos vai compondo e expandindo sua subjetividade e posteriormente volta a repercutir em suas vivências; numa correspondência mais imediata entre pensamento e ação, subjetividade e mundo, isso “deságua neste grande rio” novamente.

O homem inteiro da vida cotidiana, em muitos momentos dessa dinâmica, manifesta o prevalecimento da dimensão individual, a personalidade, e em certas circunstâncias da própria vida privada. Enquanto que o homem inteiramente se coloca na genericidade, mas se põe com todos seus sentidos e com tudo o que é. Trazendo o exemplo de um artista – um poeta – que inteiramente traz a personalidade necessariamente, mas também é capaz de trazer uma superação dialética da personalidade. Pois é claro que esse indivíduo ao escrever um poema expõe ali a personalidade, ela está presente no poema, mas a genericidade também está presente no poema, Drummond quando levanta as questões da exploração da mineração em Itabira, aponta as questões que perpassam seu cotidiano, mas essas questões não são meramente pessoais, assim como na vida cotidiana. É um apontamento forte de Lukács, jamais o privado deixa de ser genérico e também o genérico não deixa de ser pessoal.

Como Netto destaca, “a vida cotidiana é o alfa³ e o ômega⁴ da existência de todo e cada indivíduo” (NETTO, 2011. p.68). A partir disso, é essencial estabelecer/compreender que existe um estatuto primário da realidade, tem-se uma dimensão primária da realidade em relação a esse ser humano e social. Existem determinações da existência, fenômenos, processos que estão em curso na natureza e no mundo social, com suas formas e conteúdos nas quais o homem vai produzindo. É fundamental demarcar essa heterogeneidade entre mundo objetivo e a dimensão da subjetividade, para que se compreenda a categoria do reflexo. Essa subjetividade cotidiana é uma forma específica de reflexo da realidade, de reproduzir idealmente e subjetivamente os elementos que a compõe, e ao mesmo tempo, possibilitar a interação prática: o comportamento e a atividade dos homens.

Todo reflexo é, portanto, dessa realidade única e unitária. Mas disso não se segue – a não ser para o materialismo mecanicista – que toda refiguração dessa realidade tenha que ser uma simples fotocópia da mesma. (Trataremos mais longamente esta questão. Aqui deve ser suficiente a observação de que os reflexos reais surgem na interação do homem com o mundo externo, sem que a seleção, ordenação, etc., que isso implica tenha que ser necessariamente uma ilusão ou deformação subjetiva, ainda que sem dúvida o seja em muitos casos). Quando, por exemplo, na vida cotidiana, o homem fecha os olhos para perceber melhor certos matizes audíveis do seu mundo circundante, essa eliminação de uma parte da realidade a refletir pode permitir-lhe

³ Aquilo que dá origem a; início;

⁴ Momento exato em que algo termina; final, fim, termo, término

capturar o fenômeno que naquele momento lhe interessa dominar mais precisamente, mais plenamente e com mais aproximação que a que teria sido possível de conseguir sem esse prescindir do mundo visual. A partir dessas manipulações quase instintivas decorre um caminho muito tortuoso que leva ao reflexo no trabalho, o experimento, etc. e até à ciência e à arte (LUKÁCS, 1966, p.36).

Pensando em uma estrutura ontológica da vida cotidiana, quando a tratamos estamos falando de um âmbito do ser social, e estamos falando tanto de uma dimensão prática de comportamentos e de ações quanto de uma dimensão subjetiva. Mas para conferenciar essa estrutura ontológica, que tem uma historicidade que é indissociável do ser social, vale resgatar que o cotidiano que carrega a relação ser social homem/mundo é o ponto de partida para se pensar a vida, nesse sentido vale destacar que “as formas e os conteúdos do reflexo se constituem, diferenciam e especificam, pois, no evoluir da história da humanidade de acordo com os diferentes objetivos e necessidades sociais”. (SILVA, 2018, p.186-187). E então, relacionando com esse estudo, é necessário pontuar que “para Lukács, a ciência e a arte são formas e meios (ou instrumentos) específicos que os homens forjam para responder aos desafios dos processos cotidianos de humanização” (SILVA, 2018, p.187) As reações, as formas do reflexo nesse processo, científico e estético:

nascerem das necessidades da vida cotidiana, têm que dar resposta a seus problemas e, ao voltar a mesclar muitos resultados de ambas com as formas de manifestação da vida cotidiana, tornam a esta mais ampla, mais diferenciada, mais rica, mais profunda, etc., levando-a constantemente a níveis superiores de desenvolvimento. Não se pode sequer imaginar uma real gênese histórico-sistemática do reflexo científico [wissenschaftlichen] ou do artístico sem a clarificação destas interações. Por isso, é imprescindível, para apreender filosoficamente os problemas que aqui se põem, não perder nunca de vista em nossas considerações a dupla interação com o pensamento da vida cotidiana, nem a peculiaridade específica e em desenvolvimento das duas formas diferenciadas. (LUKÁCS, 1966, p. 35 apud SILVA, 2018, p. 187)

O ser social desenvolve suas ações, comportamentos orientados na vida cotidiana pela relação imediata entre teoria e prática e pelos reflexos condicionados, que são respostas subjetivas a sinais que o homem recebe do mundo, mas que ele responde de forma automática; comportamentos que estão ligados a dimensões mais sensíveis, mais do sentido ou mesmo desse automatismo como resposta

condicionada pela experiência e pela prática. Onde o ser é “instigado” a responder as questões que surgem em sua existência.

A vida cotidiana, em qualquer formação social, fornece a relação primária do homem com o mundo externo, objetivo, e nesse sentido, com as manifestações do ser ‘nas suas formas fenomênicas iniciais’. Tudo que existe na realidade da natureza e da sociedade como processo e relação se expressa na forma de fenômenos aparentes na superfície da vida cotidiana dos homens (SILVA, 2018, p. 188).

Não obstante, quando se coloca que “a imediatidade é, pois, um traço geral característico da relação do homem com o mundo externo na vida cotidiana” (SILVA, 2018, p.188) há que se considerar que para Lukács, o que determina a distinção do humano em relação a outras formas de ser é esse avanço para além da relação imediata com o mundo externo, e “a história humana é a história de superação da imediatidade do mundo aparente, é a história do descobrimento dos processos e relações constitutivos dos fenômenos, é a história da interação consciente dos homens com tais processos” (SILVA, 2018, p. 188).

Se resumirmos do ponto de vista da evolução os resultados, ainda muito gerais, alcançados por nossa análise até agora, veremos que na vida cotidiana e no pensamento existem cada vez mais mediações, e mais ricos, mais complicados e amplos, mas sempre na forma de sua característica imediata. Mais ainda: até provamos que o movimento progressivo da sociedade desenvolve gradualmente sistemas de objetivação que, embora tenham uma acentuada independência da vida cotidiana, estão, no entanto, em contínua e cada vez mais rica interação com ele, para que não se possa sequer imaginar nossa própria vida cotidiana sem essas objeções.(LUKÁCS, 1966, p. 81-82)

Na vida cotidiana, as mediações vão sendo cada vez mais descobertas, apreendidas, dominadas na cabeça e na prática dos homens. Entretanto, na vida cotidiana essas mediações se conformam novas imediações, ou seja, se descobre um processo, e este processo na vida cotidiana, retorna à relação imediata. No sentido de que, se temos um objeto que traz em si conhecimentos científicos, com processos, mediações, ao utilizá-lo no dia-a-dia essas mediações, acabam sendo suprimidas, elas não aparecem.

De todo modo, vale insistir que a vida cotidiana envolve objetivações menos intensivas, menos mediadas, menos profundas. Como Lukács aponta:

No fundo de tudo o dito até aqui, se esconde outro traço essencial do ser e o pensar cotidianos: a vinculação imediata entre teoria e prática. Esta afirmação requer algum comentário para ser entendida corretamente. Pois seria totalmente falso supor que os objetos da atividade cotidiana fossem objetivamente, em si, de caráter imediato. Ao contrário. Não existem mais do que em consequência de um ramificado, múltiplo e complicado sistema de mediações que se complica e ramifica cada vez mais no curso da evolução social. Mas, na medida em que se trata de objetos da vida cotidiana, se encontram sempre dispostos, e o sistema de mediações que os produz parece completamente esgotado e apagado em seu imediato e nu ser e ser-assim. Pense-se em fenômenos técnico-científicos e, sobretudo, em outros de natureza econômica complicada, como o taxi, o ônibus, o bonde, etc., pense-se em seu uso na vida cotidiana, no modo como figuram nela, e se verá claramente em seguida essa imediatez. É parte da necessária economia da vida cotidiana que, na média, todo seu entorno – na medida em que funcione bem – não se recolha nem estime senão com base em seu funcionamento prático (e não com base em sua essência objetiva). E inclusive em muitos casos, que não funcione bem não suscita mais que reações análogas. Isto é, naturalmente – visto assim, como num cultivo em tubo de ensaio – um produto da divisão capitalista do trabalho. Em níveis mais primitivos da evolução, nos quais a maioria dos instrumentos, etc., da vida cotidiana são produzidos pelas mesmas pessoas que os utilizam, ou pelo menos se produzem segundo um modo de produção universalmente conhecido, este tipo de imediatez é muito menos desenvolvido e chamativo. Só uma divisão social do trabalho que está já muito desenvolvida e faz de cada ramo da produção e de seus momentos parciais outras tantas especialidades agudamente delimitadas impõe ao homem médio ativo na vida cotidiana essa imediatez (LUKÁCS, 1966, p. 44 - 45).

Considerando um caminho fundamental pelo qual os homens vão superando essa relação mais imediata da subjetividade com o mundo, é importante considerar e persistir na ideia de que “a forma fundante, na história, da descoberta e da introdução de mediações no mundo encontra-se no trabalho” (SILVA, 2018, p.188-189). As considerações de Lukács a esse respeito, na Estética, acompanham teses fundamentais de Marx:

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. Não se trata aqui das primeiras formas instintivas, animais, de

trabalho. O estado em que o trabalhador se apresenta no mercado como vendedor de sua própria força de trabalho deixou para o fundo dos tempos primitivos o estado em que o trabalho humano não se desfez ainda de sua primeira forma instintiva. (MARX, 1867, p. 297)

O trabalho então, desempenha uma função – nesse sentido – que supera esse imediatismo que perpassa a vida cotidiana; porque, como bem coloca Silva, “pelo processo de trabalho, os homens acessam e dominam ideal e praticamente as mediações da realidade” (SILVA, 2018, p. 189), e não se pode desconsiderar que para Lukács o que faz do homem um ser possível de objetivações é o fato de que suas produções são pores teleológicos⁵, ou seja, atos mediados pela consciência. Silva disserta que “a propósito da natureza do espelhamento ou reflexo da realidade, pode-se afirmar que a consciência tem uma ‘natureza peculiar contraditória’, se constituindo como ‘o oposto do ser’ e sendo, ao mesmo tempo, uma força que dispara, dirige e regula os processos do ser” (SILVA, 2018, p. 71). Também aqui vale destacar a importância das teses de Marx, citadas por Lukács:

Pressupomos o trabalho em uma forma que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha realiza operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha pode envergonhar, pela construção da sua colmeia, a mais de um arquiteto humano. Mas o que distingue desde o início o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No final do processo de trabalho se produz um resultado que já existia no início do mesmo na representação do trabalhador, ou seja, idealmente. O trabalhador não opera apenas para uma transformação formal do natural; opera, ademais, seus fins no natural, fim que ele conhece, que determina o tipo e o modo de seu fazer, como uma lei, e à qual tem que submeter a sua vontade’ (MARX apud LUKÁCS, 1966, p.46-47)

O trabalho enquanto forma específica da atividade humana corresponde à busca de mediações, como já apontado, as relações dos animais com o mundo são imediatas, instintivas, não têm mediações, não têm pesquisa da realidade, não têm télos.

No entanto, é preciso reconhecer e indicar também certos limites do trabalho na busca e na apreensão de mediações. “Se a atividade teleologicamente orientada implica na reprodução ideal do real, ao menos de modo suficiente para o êxito da

⁵ O pôr teleológico caracteriza a atividade especificamente humana e, portanto, o modo peculiar da relação homem-natureza. A intervenção do pôr teleológico transforma a objetividade natural, as causalidades e a dinâmica próprias da natureza, desencadeando pela atividade sensível consciente objetos, relações e nexos causais inéditos, novos, propriamente humanos. (SILVA, 2018, p. 60)

ação, por outro lado, o homem que trabalha, diante da totalidade extensiva e intensiva da realidade, dispõe de condições e meios de agir dominando apenas setores parciais e limitados da realidade” (SILVA, 2018, p. 190).

O processo de trabalho repercute que “a capacidade de seleção, aqui, tem o significado preciso aludido acima de escolha alternativa, de efetivação, entre outras, de uma possibilidade, na realização de uma ideação prévia, que desenvolve e movimenta em sentido inédito algo que se encontra latente, em potencial, na natureza” (SILVA, 2018, p. 64). Vale destacar que já nos processos em que as formas do reflexo são mais imediatas, no cotidiano e no trabalho, quer dizer, que trazem respostas mais diretas aos imperativos da vida, esses processos e formas implicam em alguma medida uma delimitação da realidade e uma concentração do sujeito.

o domínio teórico e prático do mundo no trabalho pode ser, como muitas vezes o é, suficiente para responder a carências e necessidades materiais, sociais, determinadas e mais imediatas sem, contudo, que isso signifique ao mesmo tempo um domínio amplo da realidade, o que se mostra no fato de que são possíveis e mesmo comuns situações sociais onde junto à concepção justa e correta do domínio ideal e real de um setor determinado da realidade coexistam concepções gerais de mundo falsas. (SILVA, 2018, p. 190)

O trabalho é também essa atividade que suspende o cotidiano, ele “exige” uma certa suspensão dessa relação extensiva, multiversa, heterogênea do homem com o mundo. Lukács diz que, “no trabalho, o homem pega um pedaço da natureza, o objeto do trabalho, e o arranca de sua conexão natural, submete-o a um tratamento pelo qual as leis naturais são usadas teleologicamente na posição humana de fins”. (LUKÁCS, 1966). O trabalho ocupa esse lugar de transição para as formas de reflexo que vão se desdobrando na história. O que não anula que:

se é fato que todo ato de trabalho exige certo “grau de reflexo correto da realidade”, e que a atividade se desenvolva subordinada aos imperativos da realidade e às finalidades ideadas, se é fato ainda que o trabalho exige o domínio da motricidade do corpo, das emoções do sujeito etc., cabe também acentuar, por outro lado, que por sua relativa imediatez nos contatos com a realidade, o trabalho fica suscetível a instabilidades, imprecisões etc. ligadas ao antropos, aos limites das próprias forças físicas, mentais e subjetivas do trabalhador, bem como aos fins mais restritos e imediatos estabelecidos nesse âmbito. (SILVA, 2018, p. 191)

No texto “Para a Crítica da Vida Cotidiana” de José Paulo Netto apresenta uma produção que permite nos dar sustentação à discussão, sem perder de vista o estatuto primário da realidade que se trata de uma dinâmica de reflexo, e é possível começar a apontar especificidades das formas do reflexo. Há na vida cotidiana uma forma específica de reflexo, de reprodução ideal dessa realidade, de captura, que também é bastante orientada pela dimensão da aparência e do fenômeno, ou seja, é um primeiro acesso à realidade, e, portanto, essa relação mais imediata de teoria e prática, subjetividade e mundo é um traço característico da vida cotidiana. Netto, traz neste texto que as determinações fundamentais da cotidianidade para Lukács, são: heterogeneidade, imediaticidade e superficialidade extensiva. Nos termos do autor:

a) a heterogeneidade: a vida cotidiana configura o mundo da heterogeneidade. Interseção das atividades que compõem o conjunto das objetivações do ser social, o caráter heteróclito da vida cotidiana constitui um universo em que, simultaneamente, se movimentam fenômenos e processos da natureza compósita (linguagem, trabalho, interação, jogo, vida política e vida privada, , etc.); b) a imediaticidade: como os homens estão agindo na vida cotidiana, e esta ação significa responder ativamente, o padrão de comportamento próprio da cotidianidade é a relação direta entre pensamento e ação; a conduta específica da cotidianidade é a conduta imediata, sem a qual os automatismos e o espontaneísmo necessários a reprodução do indivíduo enquanto tal seriam inviáveis; c) a superficialidade extensiva: a vida cotidiana mobiliza em cada homem todas as atenções e todas as forças, mas não toda atenção e toda força; a sua heterogeneidade e imediaticidade implicam que o indivíduo responda levando em conta o somatório dos fenômenos que comparecem em cada situação precisa, sem considerar as relações que os vinculam. (NETTO, 1987, p. 67)

Essas dimensões são imprescindíveis na estrutura ontológica vida cotidiana. Pensar a dimensão da heterogeneidade na vida cotidiana é pensar numa relação multiversa de situações, de ações, de objetos, de atos da cotidianidade, que estão presentes, como fenômenos coexistentes, imbricando-se numa totalidade.

A imediaticidade está relacionada no âmbito da relação mais próxima da subjetividade com o mundo, dos reflexos condicionados, das respostas automáticas às exigências e imperativos da construção da vida. O fenômeno dá o primeiro acesso a realidade, tanto na natureza quanto na sociedade. A imediaticidade é um traço característico do pensamento cotidiano, que diz respeito à uma relação mais direta, um caminho mais curto da subjetividade com o mundo.

A superficialidade extensiva – na definição colocada anteriormente – corresponde a uma dimensão que “integra” heterogeneidade e imediaticidade, um somatório, mas não deixando de considerar as relações que os vinculam no sentido da possibilidade de uma compreensão mais aprofundada das mediações e dos processos; é poder lidar com muitas coisas ao mesmo tempo, todos os sentidos do homem inteiro ativos numa simultaneidade. As mediações e processos aparecem, mas não necessariamente o ser social precisa deles no momento, poderíamos dizer que, a superficialidade extensiva corresponde a tudo aquilo que compõe a cotidianidade e que o sujeito não reflete aprofundadamente sobre ela.

A imediaticidade e a superficialidade extensiva têm um duplo caráter: a um só tempo são liberadoras e limitadoras do acesso subjetivo e prático do homem à realidade do mundo objetivo. Por um lado, permitem que o sujeito possa fazer outras coisas e não se delimitar a uma só ação mediada pela consciência, permite produzir, ampliar a cultura e tudo o que atravessa o cotidiano, aquilo que em determinado momento foi uma aquisição se torna um elemento de cultura. E quando são analisados, não se pode deixar de considerar o estatuto primário da realidade, a subjetividade e a consciência, onde manifestam as expressões fenomênicas, e suas objetivações.

Por outro lado, vê-se a necessidade de objetivações superiores, que estão para além dessas determinações fundamentais aqui apontadas. A partir do trabalho, vão se constituindo as formas propriamente humanas de relação com o mundo externo: suspensão da vida cotidiana; delimitação da realidade, concentração do sujeito, processos de homogeneização, busca de mediações, profundidade intensiva na relação do sujeito com o objeto, na transformação do objeto e/ou natureza, formas que vão constituindo as bases de campos mais mediatizados, como os campos da ciência e da arte; trata-se de elementos que abrem para o que Netto chama de “crítica da vida cotidiana”. Nesses campos e nessas formas do reflexo e de comportamento dos homens, ao invés da totalidade extensiva, tem-se a totalidade delimitada. Ao invés de todos os sentidos em muitas direções, tem-se a concentração dos sentidos numa direção determinada. Silva resgata que Lukács em sua obra tardia contrapondo-se às elaborações de juventude, expõe “sobre novos fundamentos, uma posição diversa, contraposta, dialética, da esfera do cotidiano” (SILVA, 2018, p. 213), não mais considerada como uma esfera ontologicamente condenada ao banal, ao inautêntico, aos estranhamentos.

Considerando a sociabilidade capitalista, que tem a mercadoria como célula central das relações sociais temos que nesse modo de produção as relações de valorização social e econômica se expressam basicamente pela quantidade de mercadorias acumuladas; vivencia-se o processo de reificação⁶, e essas relações perpassam de maneira tão natural como se fizessem parte da essência humana. E, nesses moldes apontamos o ser social e as reificações ingênuas e as reificações estranhadas que atravessam a vida cotidiana.

Então, ao pensar nas reificações ingênuas e as reificações estranhadas, temos as supressões dos processos, como ponto comum. A diferença entre elas, aparece na medida em que, se para que a vida seja operativa e funcional no cotidiano, é preciso suprimir algumas mediações, e assim algumas coisas são feitas “no automático”. A supressão de processos que é feita de uma forma espontânea – o ingênuo aí pode ser traduzido por espontâneo – é a desconsideração de processos que já foram assimilados e agora se reproduzem de maneira quase que instintiva, automatizado subjetivamente, é um comportamento mecânico que “o libera para a vida”, sem que isso seja uma determinação social, da alienação, por exemplo.

Se é verdade que na superfície a vida social, em geral, tende à supressão das mediações e processos constitutivos dos fenômenos, produzindo reificações, e que o pensamento humano na esfera do cotidiano tende a se formar e se mover na polaridade dinâmica da “confusão-rigidez”, isso, por si, de modo algum autoriza a impugnação da vida cotidiana. (SILVA, 2018, p. 213)

As reificações estranhadas são aquelas que tem em sua base determinações sociais, e no capitalismo fortemente, correspondem ao fetiche da mercadoria⁷, ao modo em que a mercadoria oculta os processos constitutivos, as relações sociais, as relações entre os homens, produtores, o processo de trabalho. Silva aponta que na categoria do estranhamento:

as relações de produção e reprodução próprias das sociedades contraditórias, as relações econômicas assentadas na exploração do homem pelo homem, nas contradições de classe, são elucidativas das situações onde a constituição das forças produtivas sociais podem se

⁶ É mesmo possível afirmar que a reificação é a forma típica da alienação (mas não a única) engendrada do modo de produção capitalista. (NETTO, BRAZ, 2006, p.93)

⁷ O enigma do fetichismo dessa mercadoria se demonstra no momento em que, nas relações entre produtores, as mercadorias refletem as características sociais do trabalho como naturalmente intrínsecas às coisas. Por outro lado, "reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos. (MARX, 1996, p. 198).

alçar a patamares superiores, tanto material quanto ideal e subjetivamente, cientificamente etc., a despeito da degradação extrema das condições gerais, objetivas e subjetivas, da vida dos indivíduos singulares, situação que se exponencia nos marcos e no evoluir do capitalismo.(SILVA, 2018, p. 42)

É onde as coisas aparentam ter “vida própria” e dominam o produtor.

o desenvolvimento das forças produtivas é necessariamente ao mesmo tempo o desenvolvimento das capacidades humanas. Contudo – e nesse ponto o problema do estranhamento vem concretamente à luz do dia –, o desenvolvimento das capacidades humanas não acarreta necessariamente um desenvolvimento da personalidade humana. Pelo contrário: justamente por meio do incremento das capacidades singulares ele pode deformar, rebaixar etc. a personalidade humana. (LUKÁCS, 2013, apud SILVA, 2018, p.42)

Trazer a discussão do modo de produção capitalista neste contexto remete às questões mais importantes que o presente TCC procura enfrentar, às questões das misérias materiais e subjetivas que a vida cotidiana no capitalismo traz consigo, como os problemas da reificação e do fetichismo.

Marx debate essa questão em “O capital”, e revela o que aqui já foi mencionado, que a reflexão dos processos de trabalho é sucumbida, fetichizada e faz com que o ser social encare de tal forma como se os processos exploradores fossem pertencentes à essência humana, naturalmente. Destaca-se que “o que está em jogo, no centro da cotidianidade contemporânea, é a universalização do mistério que Marx localizou na forma mercadoria: a específica objetividade imediata instaurada nas formações econômico-sociais onde o modo de produção capitalista consolidou conclusiva e desenvolvidamente a sua dominância” (NETTO, 2006, p.90)

Não se pode perder de vista que, “é o retorno aos fundamentos que possibilita e abre caminho para a abordagem e a apreensão desfetichizada do seu ser-precisamente-assim” (SILVA, 2018, p.38) é o reconhecimento dos processos, apreensão da realidade que permite que se vá para além do que está colocado e é estabelecido socialmente nesse modo de produção. Nesse sentido, buscar as categorias específicas do estético e do artístico é algo fundamental, nos esforços de compreender sua potência no enfrentamento das reificações e dos fetiches que se formam e são fortes na subjetividade humana, cotidiana, no capitalismo.

Por conseguinte, o presente estudo abordará a seguir as categorias da realidade e do reflexo da realidade num nível mais alto de abstração, tratando, no âmbito da

filosofia materialista, marxista, das categorias do singular, do particular e do universal. Esse percurso é, portanto, importante para a diferenciação das formas do reflexo, e para uma determinação mais precisa da peculiaridade e da força do reflexo estético e artístico da realidade, bem como dos seus produtos.

2- ARTE E FORMAS SENSÍVEIS INTENSIFICADAS: REFLEXÕES A PARTIR DA CATEGORIA DA PARTICULARIDADE

Para trazer inicialmente as categorias da singularidade, particularidade e universalidade, é preciso enfatizar que, estas estão presentes na realidade, na vida, elas estão no “mundo” antes de estarem no pensamento. Lukács as identifica à objetividade no sentido que suas correspondências e relações se dão na vida cotidiana, nos processos de humanização, na história, ou seja, essas categorias portam existência objetiva; não são, deste modo, meros pontos de vista, são características da própria realidade. A vida cotidiana, como já apontado no capítulo anterior, corresponde a esse campo fundamental de onde nascem as objetivações humanas, a partir das questões e das necessidades que vão surgindo nos processos de humanização. Sendo assim é possível afirmar que as categorias do singular, do particular e do universal estão presentes na vida cotidiana, onde há esse “encontro” do homem e da subjetividade com a fenomenicidade mais aparente, bem como onde desaguam e para onde convergem as determinações essenciais da realidade.

O cotidiano permite que o ser social se depare, nos movimentos de primeiro acesso à realidade, com a categoria do singular, que traz objetos, situações, e processos únicos, sensíveis, empíricos, que estão presentes na realidade. Porém é necessário que se possa esclarecer a realidade a partir dessas categorias.

E ao tratar das categorias do singular, do particular e do universal, Lukács ressalta que “se não distinguirmos, pelo menos em certa medida, essas categorias, se não as delimitarmos reciprocamente e não adquirirmos certo conhecimento da mútua superação de uma na outra, ser-nos-á impossível orientarmo-nos na realidade, ser-nos-á impossível uma *práxis*, mesmo no sentido mais cotidiano da palavra” (LUKÁCS, 1978, p.5)

Interessa apresentar neste momento do estudo, sobretudo, conforme desenvolvido no livro “Introdução a uma estética Marxista” que Lukács defende o particular como categoria central da estética. Antes de adentrar nessa argumentação, é válido destacar que “o conhecimento ligado a prática cotidiana se fixa em qualquer ponto, a depender de suas tarefas concretas e práticas” (LUKÁCS, 1978, p.159). Evidencia-se que essa subjetividade, esse pensamento, conforme desenvolvido anteriormente, é caracterizado pela relação mais imediata com o mundo, por uma

relação mais imediata entre teoria e prática; nesse sentido, do ponto de vista subjetivo o acesso à realidade se dá sempre pelas vias fenomênicas, o que corresponde à ideia de que os homens, na vida cotidiana, na construção da sua existência, “tropeçam” com o singular, como Lukács diz.

Assim, pode-se pensar em um conhecimento que está fixado em um ponto mais próximo da singularidade, considerando-se, por exemplo, na vida cotidiana, tarefas mais rotineiras (reflexos condicionados etc.), ligadas à esfera da personalidade, mais imediatas, onde se verifica a tendência a uma maior proximidade ao âmbito mais fenomênico da realidade.

No caso de tarefas que perpassam o campo do trabalho, do trabalho em um processo criador, ou mesmo na reprodução de uma prática do trabalhador, o conhecimento ali implicado necessitará de percorrer mais mediações, ou seja, ele não estará fixado tanto no ponto da fenomenicidade e do singular, pois ao precisar de fazer comparações, generalizações, distinguir formas, o sujeito estará apreendendo determinações mais gerais e mais particulares da matéria tratada.

Por mais que o indivíduo e a personalidade do indivíduo sejam na vida cotidiana sempre carregados de universais e particulares, pode-se afirmar que no cotidiano essa personalidade do ser humano tem uma proeminência. Esse indivíduo no campo da personalidade cotidiana é um ser humano, um universal. No seu tempo, ele é um sujeito na sociedade contraditória que pertence a uma determinada classe.

Então tem-se por essas referências as determinações universais, particulares e singulares que já estão na vida cotidiana. Portanto, embora na vida cotidiana esse campo do singular, da personalidade, porte essa proeminência, é interessante destacar que se tratando de vida cotidiana, de personalidade, pode-se vê-la, ao mesmo tempo, *em-si*, como universal. Deste modo, o indivíduo na personalidade não deixa de ser um ser humano, ele é um universal, ainda quando não reconheça subjetivamente, ou *para-si*, mediações, determinações particulares e gerais etc.; da mesma forma, o indivíduo na personalidade como ser humano ocupa posições que o particularizam, posições de classe, gênero, e tantas outras categorias que perpassam o campo das particularidades, assim como tudo na vida cotidiana.

A riqueza, a extensão e a intensidade das vivências prático-sensíveis, cotidianas, substantivas, constitui, pois, uma fonte primária do adensamento da subjetividade humana, da capacidade subjetiva do acesso às determinações mais essenciais da existência social,

genérica, dos homens, de superação dialética da pessoalidade, na produção de um peculiar modo de generalização e de objetividade. (SILVA, 2018, p.280)

Por isso a necessidade de se fazer arte e ciência, porque na vida cotidiana, as essências, as mediações, os particulares e universais, eles não estão tão aparentes na imediaticidade. Considerando o conhecimento artístico e o científico o autor da *Estética* esclarece que estes “se diferenciam no curso do longo desenvolvimento da humanidade” (LUKÁCS, 1978, p.159). Pressupõe-se então que os processos de humanização, de produção e reprodução da vida específicos do homem, vão se constituindo e se desenvolvendo em categorias que serão próprias da ciência, do estético e da arte. Dito isso, Silva coloca que “em relação à vida cotidiana, onde as generalizações mais rápidas, estreitas, próximas à imediaticidade e ligadas à pessoalidade do sujeito percorrem e alcançam uma cadeia mais curta e menos intensiva de mediações, ‘o artisticamente conformado se libera’, nos seus processos e nos seus resultados” (SILVA, 2018, p.278)

da individualidade meramente particular [von der bloß partikularen Individualität] e, com isso, da satisfação prático fática da necessidade, cismundana ou ultramundana, mas sem perder o caráter de vivencialidade individual e imediata (LUKÁCS, 1966, p. 255 apud SILVA, 2018, 279).

Ao externalizar algo do singular, subjetivo, que surge a partir das vivências – que é o reflexo da realidade – consegue-se identificar este percurso das especificidades de um determinado sujeito. O particular nesta posição mediadora, garante um percurso do universal à dimensão originária, singular, na identidade objetiva, pessoal e específica. As particularidades estão mais ligadas às especificidades; ao passo que tarefas concretas e práticas do cotidiano são fortemente de caráter mais imediato, nessa relação teoria/prática, podemos dizer que a categoria da singularidade tem uma potência, o fenomênico, o singular, enquanto categoria vigente nessa prática e nessa subjetividade.

Tratando dessa matéria, Lukács é cuidadoso ao resgatar algumas abordagens dessas categorias que já foram tematizadas na história da filosofia, onde as conexões objetivas entre as mesmas são consideradas, vale ressaltar que ele traz uma argumentação levantada por Lênin em um exemplo de Aristóteles – que percebe o “perigo ideológico de uma autonomização do universal” (LUKÁCS, 1978, p.5). – “Porque, naturalmente, não se pode ser da opinião segundo a qual existiria uma casa

(uma casa em geral) fora das casas visíveis” (LUKÁCS, 1978, p.6) Ou seja, o universal não pode ser despreendido do singular, e Lukács aponta que este exemplo diz respeito à relação dialética entre o universal e o singular, mas que, no entanto, pode se estender ao particular. Este perigo ideológico no qual se coloca, está justamente em não apresentar as categorias como determinações da realidade.

Por conseguinte, os opostos (o singular se opõe ao universal) são idênticos: o singular só existe na ligação que conduz o universal. O universal só existe no singular, através do singular. Todas as coisas singulares são (de um ou de outro modo) universais. Cada coisa universal é uma parte, ou um lado, ou a essência do singular. Qualquer universal abarca apenas aproximativamente todos os objetos singulares. Qualquer elemento singular só entra incompletamente no universal. E assim por diante. Todo singular se liga por milhares de transições às singularidades pertencentes a outro gênero (coisas, fenômenos, processos). E inversamente. Já aqui, existem elementos, embriões do conceito da necessidade, da ligação objetiva com a natureza, etc...O contingente e o necessário, a aparência e a essência já estão aqui presentes. Quando dizemos: João é um homem, Totó é um cachorro, isso é uma folha de árvore, etc., deixamos de lado uma série de indícios que consideramos contingentes, separamos o essencial do aparente, contrapondo um ao outro. (LÊNIN, 1932, apud LUKÁCS, 1978, p.6)

Ao passo que essa referência da historicidade das elaborações filosóficas e científicas das categorias aparece, é importante tratar do referido “perigo ideológico de uma autonomização do universal”; o idealismo, por diferentes caminhos e formas, faz essas autonomizações do universal, ou seja, produz os universais abstratos que eliminam mediações, particularidades necessárias para que se explique o singular. Para citar uma forma clássica e importante, até pela função social que ela cumpre, pode-se trazer o exemplo da religião, que afirma que todos os indivíduos são irmãos perante Deus, são filhos de um só pai; ao fazer essa afirmação está se fazendo uma abstração de várias determinações e mediações reais, particularizadoras, está se desconsiderando quem são esses sujeitos em uma sociedade classista, está se desconsiderando suas condições e especificidades reais. Portanto, nota-se que a dimensão do pensamento pode deslizar para o idealismo, pois ao desconsiderar o particular, é produzido um universal abstrato e arbitrário.

Por outro lado, o cancelamento do universal, direciona ao pragmatismo, ao empirismo. Logo, mesmo um padrão de cientificidade positivista ou neopositivista, é um padrão de racionalidade que desconsidera graus de universalidade que estão na totalidade social. Assim, o cancelamento do universal faz com que esse

direcionamento aconteça. Nesse sentido, pode-se dizer que a autonomização do universal em relação a essa supressão de mediações, é uma autonomização idealista; por outro lado, o cancelamento ou o estreitamento do acesso ao universal limita o acesso ao singular na sua riqueza de determinações.

É claro que é possível que o pensamento considere o particular, mas já foi apontado que a dimensão do pensamento pode deslizar para o idealismo. Neste caso, é uma abstração arbitrária que apresenta uma função social. Seria um exemplo de um procedimento gnosiológico⁸, que tem uma criatividade, uma lógica, uma base social, e que é um universal arbitrário, que pode ser chamado de idealista, não é um universal racional, que está no mundo concreto.

Comparando as interações e as especificidades das relações dessas categorias na ciência e na arte, diz Lukács:

De fato, enquanto no conhecimento teórico este movimento de dupla direção vai realmente de um extremo a outro, tendo o termo intermediário, a particularidade, uma função mediadora em ambos os casos, no reflexo estético o termo intermediário torna-se literalmente o ponto do meio, o ponto de recolhimento para o qual os movimentos convergem. Neste caso, portanto, existe um movimento da particularidade à universalidade (e vice-versa), bem como da particularidade à singularidade (e ainda vice-versa), e em ambos os casos o movimento para a particularidade é o conclusivo. Tal como o gnosiológico, o reflexo estético quer compreender, descobrir e reproduzir, com seus meios específicos, a totalidade da realidade em sua explicitada riqueza de conteúdos e formas. (LUKÁCS, 1978, P.161)

É das relações prático/sensíveis que vão surgindo, nos processos de humanização, as objetivações humanas e as formas específicas do reflexo da realidade. Na teoria do reflexo que defende, Lukács estabelece que:

A ruptura do materialismo com a filosofia idealista se revela precisamente nisto: em estabelecer firmemente a prioridade da realidade objetiva comum. O idealismo subjetivo, a partir da chamada aprioridade desta ou daquela atitude em face da realidade, cria “mundos” especialíssimos, isolados um do outro; [...] A concepção dialética no interior do materialismo, portanto, insiste, por um lado, nesta unidade contenedora e formal do mundo refletido, enquanto, por outro lado, sublinha o caráter não-mecânico e não-fotográfico do

⁸ Quando se trata de gnosiologia, ou reflexo gnosiológico, está se falando de uma dimensão subjetiva, do pensamento, situado no campo da filosofia. Inclusive classicamente ela corresponde à um retorno para dentro do pensamento, a filosofia como já apontada permanece em circunlocação da razão e não volta para o mundo.

reflexo, isto é, a atividade que se impõe ao sujeito (sob a forma de questões e problemas socialmente condicionados, colocados pelo desenvolvimento das forças produtivas e modificados pelas transformações das relações de produção) quando ele constrói concretamente o mundo do reflexo. (LUKÁCS, 1978, p.160)

A respeito da formação da subjetividade artística, podemos considerar que:

A subjetividade – e o “ser que a subjaz” –, assimilando o entorno concreto-sensível da vida social, genérica, das atividades e relações concretas que se desprendem do metabolismo sociomaterial do homem com a natureza, pode se expandir e universalizar nesse processo de “absorção” das vivências cotidianas os domínios próprios da autoconsciência do homem. Por isso, a riqueza das vivências e das experiências do entorno concreto, o voltar-se e o “entregar-se” do homem ao mundo afora, à sua existência genérica, “com todos os seus sentidos e conatos”, constituem requisitos incanceláveis da constituição do reflexo e das objetivações de caráter estético. (SILVA, 2018, p.279)

Ou seja, há aqui uma abertura e expansão para o humano-genérico, onde acontece a superação da “particularidade (“Partikularität”) pessoal” para a “particularidade (“Besonderheit”) humano-genérica”.⁹ Por essas vias se forma a subjetividade do artista.

Enquanto no reflexo gnosiológico ocorre um desenvolvimento contínuo, que pode prosseguir sempre, a superação da universalidade e da singularidade na particularidade (em última instância: sem reciprocidade, ainda que no processo preparatório da criação esta reciprocidade seja evidentemente possível e necessária) [no caso do reflexo estético] fixa, em cada oportunidade, um grau do desenvolvimento da humanidade para a consciência humana. Um desenvolvimento superior, naturalmente, é em si possível e necessário. (LUKÁCS, 1978, P.162)

Para que se possa compreender a formação da subjetividade do artista pelos processos da autoconsciência, Silva expõe que:

A universalização da subjetividade e as generalizações que se constituem e que se objetivam, nesse processo, sem renunciar o fato de que o homem se encontra diante de uma realidade objetiva que existe fora e independentemente da sua consciência, percorrem as vias sensíveis das vivências do entorno concreto, compreendem e implicam a ‘imersão’ da subjetividade nesse entorno concreto, cotidiano, uma ‘imersão’ e uma ‘entrega’ que possibilitam o

⁹ Na estética, sempre que Lukács fala da particularidade no sentido da personalidade, o termo utilizado é: ‘Partikularität’; e sempre que fala da particularidade ligada a genericidade o termo utilizado é: ‘Besonderheit’

adensamento da subjetividade, vale dizer, da autoconsciência, mediante a vivência de conteúdos sociais de caráter genérico. (SILVA, 2018, p.280)

De maneira que se produz também, deste modo, segundo Lukács, uma “objetividade internamente intensificada”, uma objetividade que está, ao mesmo tempo, ‘penetrada de subjetividade por todos os seus poros” (LUKÁCS, 1966a, p.238 apud SILVA, 2018, p.280).

A partir disso, Silva aponta que “pode-se demarcar as diferenças específicas da relação sujeito-objeto no reflexo estético e no reflexo científico da realidade”. Para essas diferenciações, pode-se comparar que “a filosofia aprofunda as generalizações das ciências, antes de tudo, por estabelecer uma relação inseparável com o nascimento histórico e o destino do gênero humano, com a essência, o ser e o devir humanos”. (LUKÁCS, 2013a, p. 540 apud SILVA, 2018, p.172).

Também para a aproximação às peculiaridades dos reflexos científico e estético, suas especificidades e distinções, vale destacar que Lukács trabalha na *Estética*, com os princípios de antropomorfização¹⁰ e desantropomorfização¹¹, objetivando “situar a importância e a potência dos mesmos para o esclarecimento de determinações e aspectos fundantes da gênese, da natureza e do papel peculiar da arte na vida dos homens” (SILVA, 2018, p. 229).

O autor da *Estética* coloca que a ciência é de caráter desantropomorfizador, que cria um reflexo do mundo que busca se afastar das determinações subjetivas do sujeito e mostrar o mundo real, tal qual ele é; e no caso da filosofia, a “culminância” dos movimentos desantropomorfizadores “representa simultaneamente um antropocentrismo” (LUKÁCS, 2013a, p. 540 apud SILVA, 2018, p.173)

Enquanto a ciência, pelas vias da desantropomorfização, busca apreender a ‘totalidade extensiva e intensiva das determinações

¹⁰ “Para Lukács, “a projeção das experiências internas do homem sobre a realidade objetiva” caracteriza, em termos gerais, o princípio da antropomorfização. (LUKÁCS, 1966, p. 226). Na medida em que os homens atribuem e transferem para a natureza predicados e formas que são próprios do mundo humano, como ocorre, por exemplo, na magia e principalmente na religião, projetando, assim, na realidade, suas referências e experiências internas, os homens criam objetivações antropomórficas, deformando, geralmente, por este procedimento reflexivo, o estatuto próprio da realidade” (SILVA, 2018, p.229-230).

¹¹ “O simples fato de que, para se orientar na realidade, o homem precisa reconhecer a materialidade e objetividade das coisas põe em evidência a dinâmica que propõe à desantropomorfização, ou seja, à reprodução ideal dos conteúdos da realidade, ainda que isso ocorra, naturalmente, nessa dimensão, num nível mais imediato, mais fenomênico e, ao mesmo tempo, fundamental e embrionário” (SILVA, 2018, p.230).

gerais' dos seus objetos, procura reproduzir as categorias da realidade 'em suas reais proporções' e movimentos objetivos, enquanto a apreensão da essência dos fenômenos e os movimentos da generalização no caso da ciência compreendem 'o descobrimento da conexão entre o caso individual e a legalidade geral', o estético, diferentemente, 'se orienta imediata e exclusivamente a um objeto particular' (LUKÁCS, 1966, p. 249), pontual na sua concretude histórica e universal na sua conexão com a evolução do gênero. O reflexo estético da realidade se peculiariza ao apreender e repor esse objeto não mediante procedimentos de depuração etc., mas sim mediante procedimentos de retenção e concentração das mediações e determinações essenciais do objeto, bem como da reposição dessas mediações objetivas intensificadas na forma sensível imediata. (SILVA, 2018, p.280)

Silva aponta que “Lukács argumenta que esse caráter antropocêntrico constitui um ponto de encontro entre a filosofia e a arte”. E então revela que as obras de arte já estão em um campo diferente, na medida em que a arte é antropomorfizadora.

As objetivações estéticas e as obras de arte atestam processos peculiares de 'projeção das experiências internas do homem sobre a realidade objetiva', quer dizer, expressam processos de antropomorfização nos quais a criação e a projeção de um mundo propriamente humano, externalizando e conformado na obra, está a serviço do reflexo e da refiguração da realidade objetiva, da natureza e da sociedade, e fundamentalmente, do seu esclarecimento. (SILVA, 2018, p.230)

Na sua argumentação o autor afirma que a arte e a filosofia, tem por objetivo 'cultivar' “o ser social e, dentro dele, o homem, visando ao seu ser-para-si, ou seja, com intenção desfetichizante, dissolvendo ao menos idealmente os estranhamentos”. (LUKÁCS, 2013a, p. 539 apud SILVA, 2018, p.173). O autor faz também uma comparação entre arte e ciência, porque diz que a arte é sempre muito visceralmente ligada ao que está acontecendo na realidade imediata, mas ao mesmo tempo é a potência de representar, de construir, de conformar algo muito central para o desenvolvimento do gênero humano. Por esse motivo, vai ser chamada de autoconsciência, por proporcionar uma memória do desenvolvimento genérico dos homens, e não do desenvolvimento singular. Mas existe uma ideia forte de que a arte é sempre extremamente pontual e concomitantemente é uma pontualidade que marca um momento do desenvolvimento genérico.

O processo da aproximação tem aqui uma acentuação específica: a etapa superior não continua diretamente a precedente, como ocorre normalmente na ciência, mas em certo sentido – utilizando todas as

experiências acumuladas nas obras, nos procedimentos criadores –
recomeçando sempre do início. (LUKÁCS, 1978, p.162)

Quando se trata da ciência, geralmente concerne a atividades da realidade que de maneira geral, não se referem apenas ao “aqui/agora” histórico; e pode-se dizer que a arte é inconcebível sem uma historicidade concreta da base do artista, como é o caso de um poeta como Drummond, que apresenta elementos sensíveis e fenomênicos do cotidiano. O artista traz necessariamente um recorte de um determinado tempo histórico, diferente da ciência que consegue apresentar elementos que perpassam tempos históricos diferentes, tendendo a apresentar uma generalidade; ela tem historicidade, no entanto, é uma historicidade que possui uma extensividade mais ampliada, o universal (tome-se, por exemplo, nas ciências naturais, a abrangência da lei da gravidade, ou nas ciências voltadas ao homem e à sociedade, a abrangência da lei geral da acumulação capitalista). Enquanto a obra de arte está no particular, está na base de uma historicidade concreta de um determinado tempo histórico. “Nesse percurso da generalização de caráter estético, a autoconsciência se desenvolve, conforme a argumentação em curso, a partir do chão da vida cotidiana, terrena, cismundana, dos homens” (SILVA, 2018, p.279)

A reação filosófica se vale desta peculiaridade do reflexo estético para mistificar a arte num sentido irracionalista. Nossas considerações demonstram que qualquer peculiaridade específica da produção e da existência da arte pode ser deduzida um modo inteiramente racional – mas dialeticamente racional – do processo do reflexo” (LUKÁCS, 1978, p.162)

Isto é, a arte nasce de uma realidade, um “aqui/agora”, histórico concreto. Essa situação engendra questionamentos sobre a presença de elementos do universal, ou da própria racionalidade nela. É notório que Lukács se preocupa com isso também, as vias de apreensão do mundo pelo estético, pela arte são fortemente as vias sensíveis, o que não quer dizer que inexistem elementos racionais dentro da obra de arte.

No que diz respeito à superação dos dois extremos da universalidade e da singularidade na particularidade, a teoria do reflexo – corretamente entendida – demonstra mais uma vez como são radicalmente falsas todas as teorias irracionalistas, ou anti-racionais da arte. Antes de mais nada, esta superação jamais significa desaparecimento, mas trata-se sempre também de uma conservação. (LUKÁCS, 1978, p.162)

As conformações da arte aparecem de uma forma sensível, intensificada, em processos que contém elementos do racional e do universal. E também é possível ver que a arte quando abstracionista, não porta a sensibilidade concreta, ela perde a eficácia, e talvez a potência que deveria ter. Ao passo que se a arte permanece apenas no campo da realidade concreta, empírica e imediata, e não apresenta elementos do conceitual, ela se torna uma reprodução tal qual é o cotidiano e não vai cumprir sua função, porque a estrutura categorial dela não poderá ficar no âmbito da generalidade determinada, e assim vai perder o sensível por não conseguir alcançar o particular.

Não há dúvida – e isto nos afasta do quadro de nossas atuais considerações – de que esta superação da universalidade na particularidade artística apresenta-se de acordo com o período, com o gênero ou com a individualidade do artista, sob variadíssimas formas. Ela pode assumir, liricamente, a forma patética e subjetiva da experiência vivida, ou pode ser objetivada e completamente absorvida nas figuras nas situações de um drama, etc. A única coisa segura é que a fonte mais profunda desta generalização artística, em última análise, é a generalização da própria vida, dos fenômenos concretos da vida. (LUKÁCS, 1978, p163)

Não é possível chegar ao singular sem que se tenha o geral, senão não há o particular. E o autor esclarece que há uma conservação nesse “trânsito” entre as categorias, elas não se perdem. Existe a superação ao passo que há uma conservação das categorias, nada se perde; e é ali que se encontra o particular, ao centro, são os traços próprios de determinados seres, que, portanto, os agrupam, os distanciam. Pode-se dizer que o particular é um centro organizador, o particular só existe se ele estiver atravessado pelo universal, ele é a sensibilidade que se generalizou, ou a generalidade que se determinou ou particularizou.

A relação entre a particularidade e a singularidade é um processo eterno de superação, com momento da conservação. [...] A necessidade desta exigência – de que a singularidade seja conservada, ao ser superada, no particular – já está contida no que dissemos acima: se um fenômeno qualquer deve, enquanto fenômeno, expressar a essência que está em sua base, isto só é possível se se conserva a singularidade. (LUKÁCS, 1978, p. 164)

Então é necessário no artístico e no estético que se tenha também elementos do conceitual, embora caso se concentre apenas nos elementos do geral, o artístico

propriamente conformado não aparece, porque o artístico necessita desta forma sensível.

Se o singular deve encontrar expressões em sua verdade, estas mediações – frequentemente muito ramificadas – devem ter o papel que merecem, devem ter valor de acordo com seu peso interno. Mas este deslocamento estrutural no interior da singularidade significa ao mesmo tempo a sua superação, a sua elevação ao particular (determinado, típico). Quanto maior for o conhecimento que o artista tiver dos homens e do mundo, quanto mais numerosas forem as mediações que ele descobrir e (se necessário) acompanhar até a extrema universalidade, tanto mais acentuada será esta superação. Quanto maior for a sua força criadora, tanto mais sensivelmente ele retransformará as mediações descobertas numa nova imediaticidade, concentrando-as organicamente nela: ele formará um particular partindo do singular. (LUKÁCS, 1978, p.164)

CAPÍTULO 3 - POTENCIALIDADE DA ARTE NO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO HUMANA

3.1 Fetichização e Desfetichização

Neste capítulo percorreremos três movimentos: no primeiro deles, será tratada a relação fetichização-desfetichização, numa discussão que perpassa o campo do artístico; ou melhor, “a missão desfetichizadora da arte”, assim como Lukács traz no capítulo nove da *Estética*. No segundo movimento será argumentada a relação particularidade e partidarismo, que também diz respeito à função social da arte, quando é defendida pelo autor a ideia de que não existe neutralidade na arte. O terceiro movimento trará a experiência do projeto de extensão Lavras de Versos fazendo relação com as discussões feitas neste capítulo e nos capítulos anteriores, bem como será feita uma análise da obra poética “O Sentimento do Mundo” de Carlos Drummond de Andrade.

Para iniciar este percurso, abordando o fenômeno do fetichismo, que já foi levantado brevemente no primeiro capítulo deste estudo, vale recuperar que Marx descreveu na obra “O Capital” a maneira como se dá o fetichismo da mercadoria, e as “consequências” deste no cotidiano dos sujeitos.

O mistério da forma de mercadoria consiste, pois, simplesmente em que devolve specularmente aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres cósmicos dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais social dessas coisas, e portanto, também a relação social dos produtores ao trabalho total como uma relação social entre objetos, dotada de existência própria fora dos homens mesmos. Por este *quid pro quo*¹², os produtos do trabalho se convertem em mercadoria, em coisas sensíveis, suprassensíveis ou sociais... O que aqui toma para os homens a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas é simplesmente sua determinada relação social entre eles. (MARX *apud*. LUKÁCS, 1966, p.379)

Esta relação social mencionada acima, quer dizer, uma relação fetichizada, uma relação aparente, que não só deixa de trazer a essência, como inverte os produtos do trabalho em coisas sociais, que se relacionam e parecem ter vida própria, expressando um tipo de deturpação que não permite compreender os elementos e processos da realidade que ali estão postos.

¹² Expressão de origem medieval que no latim tem o sentido de dar alguma coisa em troca de outra.

Lukács entende que o fetichismo nasce das necessárias tendências evolutivas sociais e das estruturas sociais por ela produzidas, é um fenômeno mais amplo, de um debate das forças objetivas, naturais e sociais, que abrange também outros tempos históricos, e não só relacionado ao modo de produção capitalista. Trata-se de entender que o fetichismo está presente também em formações sociais mais recuadas, na medida em que as forças que constroem e dominam os homens, tendem a desencadear as reificações, as representações transcendentais, bem como dar corpo a formas fetichizadas; ou seja, o autor coloca que esses fenômenos do fetiche, da reificação ou das forças que o dominam já aparecem na “pré-história” da humanidade.

O autor defende fortemente que ciência e arte são elementos capazes de confrontar essa situação, de desfetichizar; e nas palavras dele: “o conhecimento desfetichizador de algo que em sua aparência imediata, é cósmico, o retransforma no que é em si, em uma relação entre homens” (LUKÁCS, 1966, p.379). Trata-se para o autor de um movimento duplo:

Primeiro, é o desmascaramento de uma aparência falsificadora, que, embora de origem social necessária, deforma a verdadeira essência da realidade, em alguns casos, como resultado do alto desenvolvimento da economia, em outros como resultado de um atraso. Em segundo lugar, a reificação é ao mesmo tempo a salvação do papel dos homens na história. A aparência de que falamos tem reduzido a importância do homem: ‘Seu próprio movimento social possui para eles a forma de um movimento de coisas, sob ou cujo controle se encontram, em vez de controlá-las.’ (LUKÁCS, 1966, p. 379-380)

Esses dois momentos, expostos por Lukács, desse movimento subjetivo no reflexo da realidade são de importância equivalente para o conhecimento científico e para o artístico. A ciência atua fortemente no sentido desfetichizador, ela busca processos e mediações, assim como a arte o faz, e sendo assim as duas concorrem para reivindicar o protagonismo do humano na história; mas para além disso, o autor da *Estética* sugere que, se na ciência ou arte um dos dois movimentos desfetichizadores adquire mais força, será o segundo, nas vias artísticas.

Sendo assim, a arte e a ciência protagonizam fortemente essa ação de desfetichização, ação esta que se refere ao subjetivo, e não só, porque quando o sujeito vivencia esse momento que o “desperta para a realidade”, que desvela os elementos e processos que foram sucumbidos, ele vivencia então o que podemos

chamar de desfetichização; mas ainda há limites nela, na medida em que constitui um momento parcial, subjetivo ainda não desdobrado em práxis. Porque tanto ciência como arte, por mais que elas restituam essas imagens reais ou os processos, e são desfetichizadoras, elas por si só não saem do campo subjetivo já que a realidade do fetiche continua existindo mesmo quando os indivíduos conseguem perceber para além do fetiche. É possível fazer a crítica, compreender criticamente, mas a realidade não foi transformada.

E mesmo quando há esse limite, o porquê e o modo dessa refiguração já apontará para uma posição; é um processo considerado por Lukács e Marx um movimento de extrema importância, porque é essa potencialização do momento subjetivo que possibilita a prática transformadora; é um pressuposto para que o indivíduo “encare” esses estranhamentos, esses fetiches na realidade. Quando os princípios científicos e artísticos despertam no sujeito a ação, reação, enfrentamento perante essa “descoberta”, está acontecendo a saída do campo do subjetivo para a realidade; e assim como a categoria da vida cotidiana, um processo que sai da subjetividade e deságua na vida. Esse momento de desalienação é, portanto, fundamental para se construir um novo horizonte societário¹³.

A verdade transforma coisas aparentemente existentes e dominantes em relacionamentos entre homens, os quais - em certos casos - eles podem ser capazes de controlá-los e dominá-los; mas mesmo quando isso não é possível, o "destino" aparentemente nascido da natureza das coisas é finalmente apresentada como um produto da mesma evolução da humanidade, ou seja, a partir deste ponto de vista, como o destino autoproduzido dos homens. (LUKÁCS, 1966, p.380)

E para dialogar diretamente com a questão poética, o autor da *Estética* concorda com M. Arnold quando diz que “a poesia é basicamente uma ‘crítica da vida’” (LUKÁCS, 1966, 380), e é importante destacar que esta crítica tem seus conteúdos e expressões em conformidade com seu tempo histórico, à sociedade e a classe à qual pertence determinada manifestação artística. “A arte segue o curso da vida normal” (LUKÁCS, 1966, 381).

Lukács resgata o que Marx escreveu a respeito do conhecimento científico deste fenômeno:

¹³ Pode se destacar aqui as palavras de Marx que bem ilustra o que está se tratando aqui: “A arma da crítica não pode, é claro, substituir a crítica da arma, o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria também se torna força material quando se apodera das massas”. (MARX, 2005)

A reflexão sobre as formas da vida humana, portanto, também a análise científica delas, empreende em geral um caminho inverso da evolução real. Iniciar post festum¹⁴ e, conseqüentemente, com os resultados prontos para o processo evolutivo. (MARX, 1867, p.42 apud LUKÁCS, 1966, p. 381)

Quando se fala em tomada de posição em relação ao fetichismo, o autor estabelece uma diferenciação entre a prática artística progressista e reacionária.

A prática artística reacionária é aquela que se mantém “ante o imediatismo das formas de vida fetichizada, e mesmo quando se torna bastante evidente sua desumanidade, não se move em direção à essência para descobrir as verdadeiras conexões, mas aceita sem resistência, como verdade” (LUKÁCS, 1966, p.381). O que é necessário entender diante disso é se a “direção do movimento de tentativas de refletir a realidade é uma orientação a função desfetichizante ou, pelo contrário, é uma tendência pseudo-artística de eternizar o fetiche da sociedade” (LUKÁCS, 1966, p.381-382). Pode-se dar como exemplo de uma arte abstrata, que está em conformidade com o estado de coisas, ela não faz a crítica da vida, ela não está no campo do particular, uma vez que é abstrata está no universal.

A prática artística autêntica, progressista, corresponde à crítica da vida, no sentido da argumentação que desenvolvemos no tópico da particularidade; é a capacidade de desvelar, de abrir para a essência dos processos, do genérico. Lukács claramente defende que a obra de arte autêntica toma partido contra o fetiche; o tópico a seguir trará elementos sustentando essa afirmação.

3.2 Arte e Partidarismo

Inicialmente há que se entender que para tratar das questões que perpassam o partidarismo, é preciso “superar alguns preconceitos”, como sugere Lukács; por um lado, é colocado que

existem numerosos teóricos burgueses que, supervalorizando unilateralmente a atitude teórico-contemplativa, consideram que toda verdadeira obra de arte é apertidária, superior à desordem das lutas cotidianas, e que falam com desprezo – ou em tom de desculpa, na melhor hipótese – das posições decisivas assumidas por grandes artistas. (LUKÁCS, 1978, p.208)

¹⁴ Expressão latina que pode ser definida por: depois; posteriormente; uma vez transcorrido e concluído determinado processo.

E por outro lado

existem marxistas que consideram o partidarismo com um privilégio do realismo socialista: ou, na melhor hipótese, como privilégio de alguns dos seus mais afortunados precursores. Refutar essa concepção não significa, naturalmente, negar que o partidarismo consciente do realismo socialista, partidarismo inspirado por uma justa consciência e que só é alcançável mediante a concepção marxista do mundo, seja algo qualitativamente novo com relação às posições espontâneas assumidas em quaisquer práxis artísticas anteriores. (LUKÁCS, 1978, p.208)

Essas são, portanto, duas “visões” contrárias, sobre o partidarismo, em relação ao que pensa Lukács; ele é cuidadoso ao delimitar o “partidarismo universal e espontâneo da arte” (LUKÁCS, 1978, p.208), sem considerar, provisoriamente, as alterações históricas, “por mais importantes que possam ser” (LUKÁCS, 1978, p.209).

O autor da *Estética* esclarece então o significado deste partidarismo:

levamos aqui em conta exclusivamente a tomada de posição em face do mundo representado tal como ela toma forma na obra através de meios artísticos. O modo pelo qual o próprio artista imagina esta sua atitude em face da realidade é uma questão biográfica, não estética. (LUKÁCS, 1978, p.208)

Cabe sinalizar aqui, conforme será desenvolvido mais a frente, que a obra do poeta Carlos Drummond de Andrade é um exemplo claro e forte de uma tomada de posição nas representações artísticas apontando a realidade do mundo, tal como se pode constatar quando se considera o poema “O maior trem do mundo”, onde Drummond “ilustra” criticamente a exploração do minério em sua cidade natal, Itabira.

“[...] O maior trem do mundo,
puxado por cinco locomotivas a óleo diesel,
engatadas, geminadas, desembestadas,
leva meu tempo, minha infância, minha vida.
Triturada em 163 vagões de minério e destruição,
o maior trem do mundo transporta a coisa mínima do mundo,
meu coração itabirano [...]”¹⁵

¹⁵ Poema publicada em 1984 – Jornal “O Cometa Itabirano”; extraído do Blog Relicário Minado para este estudo em 28/11/2019.

A representação artística expressa por Drummond aqui traz de forma sensível os fenômenos da vida cotidiana, de maneira crítica ele expõe os impactos da mineração e se posiciona, portanto, toma um partido.

Lukács traz em seu texto sobre o partidarismo exemplos da ciência. Cabe apontar brevemente o que o autor coloca a respeito das ciências matemáticas, onde há “uma relação objetiva e universal da realidade que existe independentemente da consciência”; o autor aponta que se na criação destas leis houve um posicionamento biográfico, isso “não tem nada a ver com o problema gnosiológico, o da máxima aproximação possível ao reflexo exato da realidade objetiva”, ou seja, não há nessas “fórmulas/leis científicas” tomada de posição. Inclusive, para a arte, o autor vai ter a mesma referência, a realidade é uma referência primária, ineliminável, e, portanto, a questão da verdade jamais pode ser suprimida.

É interessante destacar que, se se espera ter entendimento conceitual sobre o caráter do partidarismo no reflexo estético da realidade, é necessário perceber que se trata, segundo Lukács

por um lado, da reprodução o mais possível fiel da própria realidade objetiva, mas que, por outro lado, a finalidade que aqui se visa não é compreender conceitualmente as leis universais, e sim representar mediante imagens sensíveis um particular que compreende em si e supera em si tanto sua universalidade quanto sua singularidade, cujas características formais não pretendem uma aplicação universal no sentido da ciência, mas tendem a fixar universalmente uma experiência que assumiu a forma deste determinado conteúdo. (LUKÁCS, 1978, p.211)

Tanto a ciência como a arte compreendem essa reprodução da realidade; é imprescindível também na arte, observação, apreensão de determinações da realidade, ou seja, a arte não pode desconsiderar a realidade objetiva, há uma necessidade de fidelidade à realidade. Contudo, diferentemente da ciência onde o reflexo se dá pelas vias do conceitual, as generalizações no campo do estético e do artístico significam já uma tomada de partido diante da vida, percorrendo um caminho peculiar.

Afirmaremos algo quase banal aduzindo que esta particularidade pode nascer tão somente sobre a base da escolha, da exclusão, da universalização das singularidades imediatas. Importa aqui, sobretudo, determinar com exatidão o caráter específico desta generalização estética. Em primeiro lugar, deveremos ter presente o que resultou de nossa investigação sobre a originalidade artística,

resumindo as tentativas até aqui realizadas para explicar este fenômeno: dissemos então que a originalidade consiste em captar os traços decisivos na luta entre o velho e o novo, no sublinhar artisticamente os momentos específicos do novo através de uma forma orientada para reproduzir e expressar precisamente este particular novo. Isto significa que o conteúdo ideal essencial de toda obra de arte é uma luta desta natureza. De modo algum isto modifica, mesmo que seu conteúdo imediato (e, portanto, também sua forma imediata) seja algo repousante, uma calma idílica. Falando precisamente da atitude artística que leva a compor idílios, Schiller demonstrou corretamente que o simples fato de escolher esta matéria implica já em uma tomada de posição crítica em face do presente, que também o idílio como forma contém em si um partidarismo. (LUKÁCS, 1978, p.211)

A arte, que expressa a realidade refletida, consiste desde seu início, “numa tomada de posição em face das lutas históricas do presente no qual vive o artista” (LUKÁCS, 1978, p.212) e é possível ver que – como já foi apontado no capítulo anterior – ela está no campo do particular. Portanto, nota-se que a poesia exemplificada acima ocupa esse lugar, superando os elementos do universal (quando falamos de mineração no sentido teórico-conceitual), e do singular (quando se trata da vida de um só indivíduo, o poeta, ou do conjunto de indivíduos singulares).

Se não houvesse tomada de posição, seria impossível, como bem aponta Lukács “escolher como objeto do trabalho artístico, como particular característico, precisamente este e nenhum outro momento da vida” (LUKÁCS, 1978, 212). A reprodução da realidade feita pela arte, como expõe o autor, não se dá num reflexo ao nível de uma simples imitação.

Para Lukács, aqueles artistas que são convencidos e se restringem a reproduzir a realidade, deixando a fantasia fluir livremente, expressando sua personalidade, sem almejam tomar posição, seja ela positiva ou negativamente, em relação à sua matéria, estes são vítimas de uma ilusão, pois “toda reprodução estética da realidade é embebida de emoções, mas de tal modo que a emocionalidade na elaboração artística do objeto em seu ser-assim-e-não-de-outro-modo forma um momento constitutivo indispensável” (LUKÁCS, 1978, p.213). A obra pode sim ter o momento da emoção, mas não se trata apenas disso, se trata de uma “emocionalidade partidária”.

Por conseguinte, considerando o modo como Lukács pensa o lugar do conceito na arte, mais precisamente quando ele fala de uma supervalorização dessa instância do conceitual, destaca-se que

O campo da arte é excessivamente restringido. Dado que ela deve refletir a mesma realidade que a ciência e a filosofia, dado que neste reflexo ela é igualmente universal e busca também a totalidade, como a ciência e a filosofia, a arte não pode desprezar aquela esfera, aquele nível da realidade objetiva e de seu reflexo subjetivo, cujo conteúdo, cuja forma, cuja extensão, etc., são definidos pelo termo 'conceito'. (LUKÁCS, 1978, p. 213-214)

Na arte o conceito, as ideias, as concepções do mundo, entre tantas outras questões do universal, vão aparecer sempre superados nas formas concretas da particularidade; precisa-se compreender que o objeto do trabalho artístico não é o conceito em si, não é ele em sua pura e imediata objetividade, mas é a maneira como ele torna-se fator concreto e sensível da vida, nas situações concretas de indivíduos concretos, onde ele torna-se parte das vivências “como meio importante para tornar sensível o específico caráter humano, a particularidade típica de homens e situações humanas” (LUKÁCS, 1978, p.214). Tais elementos são essenciais para sustentar a argumentação de que “a tomada de posição é inevitável na obra de arte”.

De fato, além da emocionalidade partidária sempre necessária (e da qual já falamos), a vida mental do homem, para não nos referirmos à atividade volitiva que é extremamente conexas a ela, é sempre ligada a uma posição afirmativa ou negativa, tanto em relação com as individualidades que movimentam diretamente a vida quanto em relação com os grandes problemas da vida que nelas se manifestam. (LUKÁCS, 1978, p. 214)

Para tanto, a arte, jamais representa singularidades em sentido estrito, mas singularidades atravessadas pelo universal, assim como representará de qualquer modo as totalidades determinadas e sob a forma sensível.

ela não pode se contentar em reproduzir homens com suas aspirações, suas propensões e aversões, etc.: ela deve ir além, deve orientar-se para a representação do destino destas tomadas de posição em seu ambiente histórico-social. Este ambiente existe artisticamente, mesmo quando na obra ele aparece imediatamente ligado ao homem que existe por si só, como é o caso no retrato ou no auto-retrato lírico, pictórico ou musical (LUKÁCS, 1978, p.214-215).

O autor diz que “todos os lineamentos do homem, ainda que ele seja representado isoladamente, trazem em si os traços do seu destino, de suas relações com os homens que o circundam, do êxito das tendências que movem sua vida interior” (LUKÁCS, 1978, p.215) – e note-se que Drummond traz exatamente isso nas poesias de seu livro “Sentimento do Mundo”. O artista absorve e toma os assuntos do

mundo, da realidade, e os refigura no mundo próprio da obra de arte, posicionando-se.

Lukács aponta que esses posicionamentos, se dão, constantemente, sob dois aspectos:

Em primeiro lugar, no triunfo ou no fracasso de determinados propósitos e esforços dos homens já está contida a crítica do artista ou da obra de arte. Mais concretamente, o fato de que uma vitória ou um insucesso apareçam como trágicos ou cômicos, dignificadores ou humilhantes, revela já este inevitável partidarismo da obra de arte. Em segundo lugar, todo triunfo, toda derrota, todo compromisso, etc., se tiverem verdadeira forma artística, são envolvidos por uma determinada atmosfera carregada, através da qual – se não, também, de outro modo – expressa claramente a tomada de posição da obra. (LUKÁCS, 1978, p. 215)

Porém, nesse sentido a consideração do partidarismo ainda conserva-se num nível muito abstrato; o real partidarismo de uma obra de arte autêntica se expressa quando há “uma tomada de posição a mais concreta possível em face de problemas e tendências concretas da vida” (LUKÁCS, 1978, p.215). Visto isso, o que é tratado aqui sobre a necessidade do partidarismo da obra, serve para estabelecer a exata originalidade das obras.

A identidade do mundo que é refletido pela ciência e pela arte determina a identidade geral do critério: justeza do conteúdo na descoberta e na explicitação do novo. Este momento da justeza do conteúdo deve ser particularmente sublinhado, pois quando se discute sobre o partidarismo surge com muita frequência – determinada por uma atitude positiva ou negativa em face dele – uma contraposição metafísica entre partidarismo e objetividade, como se o partidarismo excluísse uma representação objetiva, objetivamente justa, de homens, situações e destinos, ou como se esta objetividade fosse somente um momento subordinado. (LUKÁCS, 1978, p.216)

E é interessante destacar que ao passo que o reflexo científico compreende as novas as relações ou ao menos concede uma definição e uma interpretação reais de novos fatos singulares, a arte “representa mediante uma reprodução sensível, de evocação imediata, a forma vital pela qual os novos fenômenos se manifestam na vida humana, na sociedade” (LUKÁCS, 1978, p.217).

Por isto, a arte deve também mostrar de um modo universal toda singularidade através da qual o novo desemboca diretamente na existência. Mas, desta contraposição, resulta evidente que esta

universalização não pode ser mais do que uma elevação da singularidade no particular determinado, no típico em sentido estético, ocorrendo ao mesmo tempo uma determinada concretização do universal, na qual sua universalidade em si é superada em sua concreta eficácia na vida humana, em sua particularidade. (LUKÁCS, 1978, p.217)

A generalização neste caso, segue uma direção distinta à da ciência. O autor da *Estética* aponta que quando há superação do singular e do universal na particularidade, surge na obra de arte uma objetividade unitária, “na qual as leis da vida se unem inseparavelmente às formas fenomênicas imediatas da vida, penetram nelas ao ponto de ser impossível uma distinção”. (LUKÁCS, 1978, p.217)

A arte, como tem sido tratada aqui, não deve fazer relações ou representações gerais apartidárias. O partidarismo artístico precisa se manifestar na representação de cada detalhe; quando um fato é enunciado numa expressão artística, ele já é visto e formado partidariamente ao aparecer como mero dado; no “do ponto-de-vista estético, a manifestação da obra para com os fenômenos singulares que a contém é o que revela a qualidade específica de sua objetividade” (LUKÁCS, 1978, p.218), ainda tomando palavras do autor:

Se na obra é pronunciado um julgamento ou feito um comentário (julgamentos e comentários são perfeitamente admissíveis como meios de expressão estética em certos gêneros artísticos), eles só têm valor artístico quando pretendem tornar consciente e claramente explícito o que já existia implicitamente na objetividade representada; tratar-se-á, portanto, mais de uma intensificação qualitativa da objetividade representada do que um mero julgamento ou comentário sobre objetos dela independentes. Isto vale, em medida ainda maior, para o conjunto da obra. Sua composição, o mútuo esclarecimento das partes mediante a dinâmica e as proporções de suas relações recíprocas, é o autêntico meio artístico para aprovar ou rechaçar esteticamente determinadas tendências da vida. (LUKÁCS, 1978, p.218)

Lukács aponta certamente que isso não diminui em nada a força do partidarismo. Esta concepção reforça o fato estético essencial de que quando se trata da obra de arte autêntica, esta é partidária em toda sua dimensão, pois o processo de suas elaborações implica tomadas de posição em face as grandes questões da vida cotidiana, da realidade, e nesse sentido o partidarismo não pode ser separado de sua objetividade estética.

Trata-se aqui, tão-somente, de uma diversidade de meios expressivos, de temperamento artístico, cujo caráter, cujo modo de manifestação, etc., são determinados pelas condições de classe; não se trata de princípios fundamentais, radicalmente diversos, da representação artística. Precisamente a ligação estabelecida por Lênin entre a justa objetividade e o partidarismo permite à estética definir corretamente a real essência do partidarismo. (LUKÁCS, 1978, p.218 - 219)

Percorridos os movimentos pelos quais consideramos as categorias as categorias da desfetichização e do partidarismo com o interesse concentrado em demonstrar em termos gerais o lugar e a função das mesmas no estético e no artístico, no movimento que segue passaremos a considerar essas categorias a partir de referências concretas, mais precisamente, dos projetos Lavras de Versos e da obra “Sentimento do mundo” de Carlos Drummond de Andrade.

3.3 Lavras de Versos e “Sentimento do mundo”

Considerando o desenvolvido até aqui, cabe neste ponto do estudo apresentar a relação dos trabalhos desenvolvidos na UFOP nos níveis do ensino e da extensão universitária, tomando mais precisamente para análise os projetos e as ações extensionistas do “Lavras de Versos Bairro Santo Antônio” e “Lavras de Versos Bairro Cabanas”, bem como trazendo ao mesmo tempo referências da obra “Sentimento do mundo”.

Os projetos de extensão “Lavras de Versos”, que compõe o Programa de Extensão Mineração do OuTro, tem por objetivo contribuir com a “lavra” da riqueza mais autêntica das Minas Gerais: o próprio povo mineiro trabalhador. Em termos mais diretos, o projeto é direcionado a adolescentes público-alvo da Política de Assistência Social dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) nos bairros Santo Antônio/São Gonçalo e no bairro Cabanas, em Mariana-MG.

A ação desenvolve um trabalho socioeducativo em círculos de cultura e já acontece há quatro anos, quando iniciou apenas no bairro Santo Antônio. Frente as demandas da comunidade e da própria universidade, acontecem as discussões e reflexões críticas sobre a realidade, experiências cotidianas, e referências culturais dos adolescentes, onde é proporcionada a interação com diversas expressões culturais, mas de maneira especial e incisiva no campo da poesia. Diante disso, objetiva-se que os adolescentes não só possam utilizar das poesias para refletir suas vivências, mas que eles possam através dela se expressarem aprendendo as formas

da composição poética, a fim de estruturar e compor seus próprios poemas – construções coletivas e individuais.

Se tratando do município de Mariana-MG, que compõe a chamada “região dos inconfidentes”, cabe resgatar que é um município marcado na história e que ainda se destaca no Brasil por conta de suas riquezas naturais, fortemente, pelos seus minérios, além de seu povo e sua cultura. No decorrer do século XX, quando ocorre um aceleração dos processos de industrialização e conseqüentemente urbanização por todo o país, neste solo da região dos inconfidentes destaca-se a indústria da mineração. Processo esse que, de maneira geral, no sistema econômico capitalista, mais precisamente no capitalismo dependente, produz e expropria um vasto conjunto de riqueza material desta região, processo duro e contraditório onde as expressões da “questão social” vão se produzindo e acumulando.

Frente a esse cenário, o projeto é conduzido por estudantes da UFOP, destacadamente estudantes do curso de Serviço Social, com oficinas/círculos de cultura semanais, com duração de uma hora e meia, onde na dinâmica do trabalho a partir das referências já sinalizadas acima sobre a vida cotidiana, os estudantes tateiam o percurso das discussões nas oficinas/círculos de cultura recorrendo a conhecimentos de caráter teórico-científico, trazendo elementos da teoria social crítica adquiridos na graduação. Se trata, nesses movimentos e frentes de trabalho de uma metodologia dialógica, horizontal, de troca e produção de saberes, numa construção, portanto, político-pedagógica, tanto para os adolescentes participantes quanto para os estudantes extensionistas em formação.

A poesia é o instrumento principal que o projeto assume nos processos de reflexão da realidade buscando contribuir para o fortalecimento da vida desses indivíduos sociais, e não só de suas necessidades materiais fundamentais, mas também das necessidades humanas que perpassam os campos da subjetividade, da cultura, da política.

Abordar aqui como se desenvolve o projeto, é fundamental para esclarecer a dimensão dialógica que as oficinas compreendem nos círculos de cultura, e que compreendem e abarcam os temas das vidas daqueles sujeitos, uma dimensão que se localiza no plano do pensar e refletir, no plano da racionalidade, ou seja, no plano da consciência crítica do mundo. Esse momento, pode-se considerar aqui, está mais próximo a processos desfetichizadores por meios que recorrem a recursos teórico-científicos, processos esses que reúnem e acumulam elementos da vida social,

potencializadores de outras frentes de atuação das oficinas, como aqueles que podemos identificar como momentos de fruição e momentos de produção de poemas.

Nota-se, portanto, que a oficina ocupa esse lugar, que tematiza a vida cotidiana, as vivências, as questões da realidade dos sujeitos. Tais questões aparecem fortemente expressando a realidade do território no qual estão inseridos. Sobre esse território, como dito acima, marcado pela mineração, pode-se destacar o crime¹⁶ do rompimento da barragem de rejeitos de minério de Fundão¹⁷ – em Bento Rodrigues, um distrito pertencente ao município de Mariana. De modo que a questão da mineração perpassa e é bastante demarcada nas discussões dos círculos de cultura; trata-se do lugar onde eles vivem, eles sentem essas questões que vem à tona. As oficinas/círculos de cultura percorrem fortemente uma dupla dinâmica: por um lado mais dialógica na interação com reflexões mais próximas do campo da teoria, e por outro lado, numa dimensão reflexiva mais próxima sensível, nas interações com poesia.

Carlos Drummond de Andrade é tido como principal referência poética deste projeto, uma vez que sua obra traz - o que tratamos claramente no decorrer desse estudo – elementos da realidade, apresentados em formas sensíveis e fenomênicas intensificadas; e principalmente por abordar a realidade da mineração, do processo exploratório que vem se desdobrando há séculos, fortemente, em solos mineiros.

Fazendo relação com a categoria da vida cotidiana, resgatando a imagem do rio – que foi mencionada no primeiro capítulo – cabe trazer a comparação da relação homem/mundo dentro do cotidiano da mineração, tendo em vista uma atividade cotidiana de trabalho, de produção de mais-valia, de exploração e expropriação de riquezas. Essa atividade da relação homem/mundo pode ser representada pela imagem do rio, que é de onde brotam as determinações que perpassam todos os processos da vida, esses elementos e processos da vida cotidiana são refigurados e expressos na arte, como nos poemas de Drummond, “Lira Itabirana”, “Paredão”, “O

¹⁶ O termo crime usado para referenciar o rompimento da barragem, é além de posicionamento um movimento de legitimar a maneira como os atingidos e manifestantes reconhecem e se colocam. Como pode-se ver nas notícias do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Maiores informações consultar: <<https://www.mabnacional.org.br/noticia/ap-s-tr-s-anos-do-crime-atingidos-pelo-rompimento-da-barragem-da-samarco-realizam-marcha-mar>>

¹⁷ O rompimento-crime da barragem de rejeitos de mineração de Fundão aconteceu no dia 05 de novembro de 2015, além de ter sido o maior desastre ambiental da história, tal acontecimento ceifou a vida de muitos trabalhadores e não só inundou as cidades e o Rio Doce, por onde lama passou, mas inundou a vida dessas pessoas, a identidade, a saúde, as relações sociais, etc. (a bacia do Rio Doce junto com seus afluentes perpassa cerca de 222 municípios).

maior trem do mundo”, entre outros que expressam também essas determinações que nascem “de baixo”, do chão da vida cotidiana, das vivências que o poeta traz sobre a realidade da mineração em Itabira, das relação do trabalho, etc.

São essas vivências em sua extensão e profundidade que preenchem a subjetividade do poeta, e “explodem” no poema; vivências que trazem a riqueza da vida social, que é sorvida, absorvida, de modo que compõe tanto uma subjetividade (artista) como uma objetividade expandida (obra de arte). A expressividade das questões da vida no poema, retornam para a vida. Uma forma que evidencia essa dinâmica pode ser localizada no momento em que esses poemas são apresentados e colocados à reflexão e discussão em uma oficina/círculo de cultura. Nessa dinâmica reflexiva, as formas sensíveis intensificadas que estão no poema, e que correspondem ao campo da particularidade, conforme discutimos no capítulo dois, incidem e impactam nos sentidos e na subjetividade dos participantes das oficinas/círculos de cultura. Portanto, os poemas deságuam nesse rio de onde brota.

Pode-se dizer que a função social que a poesia e a forma poética no caso dos “Lavras de Versos” desempenham corresponde a processos de desfeticização, e nesse sentido, de emancipação humana.

A obra “Sentimento do mundo”, que será considerada com mais cuidado a partir deste ponto no presente estudo, é composta por vinte e oito poemas, dos quais alguns serão analisadas em articulação com as categorias teóricas utilizadas nesse trabalho. Iniciando pelo poema “Confidência do Itabirano”:

“Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem [horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
 Hoje sou funcionário público.
 Itabira é apenas uma fotografia na parede.
 Mas como dói!”
 (ANDRADE, 2012, p.13)

Neste seu poema, Drummond traz a realidade de sua cidade natal, refere-se à sua tão querida Itabira fazendo sempre uma relação com o “ferro”, com o minério de ferro. Fala de seus hábitos, costumes, heranças de Itabira, onde naquele momento para o autor era “apenas uma fotografia na parede”. É retratada aqui de forma bastante sensível as questões que ocupam tanto o campo do singular como o do universal, na refiguração da realidade da cidade mineradora, com os impactos que se desdobraram sobre toda uma região. Há elementos do singular e do universal, e é então essa representação do particular cuja potência está na representação de muitos singulares, na generalidade que descende a figura do típico, de uma situação típica, numa representatividade de muitos singulares. Existe uma superação, do singular e do universal ao mesmo tempo em que há uma conservação das categorias, nada se perdeu.

Prosseguindo análise dos poemas de Drummond, segue apresentado abaixo o “Congresso Internacional do Medo”

“Provisoriamente não cantaremos o amor,
 que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
 Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
 não cantaremos o ódio porque esse não existe,
 existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
 o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
 o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas, cantaremos o medo dos
 ditadores, o medo dos democratas, cantaremos o medo da morte
 e o medo de depois da morte,
 depois morreremos de medo
 e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas”
 (ANDRADE, 2012, p.29)

É sensível e nítido o reconhecimento da dura realidade vivida pela Itabirano, brasileiro, latino americano numa cidade, país e continente marcados por ditaduras, formas políticas repressivas, violentas, anti-populares, próprias das relações de produção e reprodução da vida no capitalismo dependente. Interessa aqui destacar que quando esta realidade é trabalhada em uma oficina/círculo de cultura – num poema, note-se, escrito há décadas – o que vem à tona não é apenas aquele tempo

histórico, mas também as suas conexões com o humano em sentido mais amplo e genérico.

Já foi explanado aqui o movimento que a poesia percorre ao ser construída a partir das vivências cotidianas, mas também a partir de referências de contato e experiências com a própria poesia, e ao retornar para o mundo em uma nova obra conformada, desperta novas reflexões, discussões, etc. É o que ocorre quando Drummond imerge na obra poética de Manuel Bandeira, como se verifica no trecho do poema “Ode no cinquentenário do poeta brasileiro”.

“Esse incessante morrer
que nos teus versos encontro,
é tua vida, poeta,
e por ele te comunicas com o mundo em que te esvais.

Debruço-me em teus poemas
e neles percebo as ilhas
em que nem tu nem nós habitamos
(ou jamais habitaremos!)
e nessas ilhas me banho
num sol que não é dos trópicos,
numa água que não é das fontes
mas que ambos refletem a imagem
de um mundo amoroso e patético[...].”
(ANDRADE, 2012, p.47)

No tópico anterior quando tratamos da categoria do partidarismo, foi esclarecido que não se trata de vinculações políticas partidárias, mas do posicionar-se diante da vida, das suas contradições, das relações entre o “velho” e o “novo”, etc. É o que ocorre quando se considera o poema de Drummond faz no poema “Os Ombros Suportam o Mundo”, que assimila questões da realidade com “emocionalidade partidária” no ponto em que de que “a vida é uma ordem. A vida apenas, sem mistificação”. Nesse sentido, nota-se que o poema é crítico da vida frente à essa questão. Há posicionamento “face a problemas e tendências concretos da vida” (LUKÁCS, 1978, p.215).

“Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
 Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
 mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
 És todo certeza, já não sabes sofrer.
 E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
 Teus ombros suportam o mundo
 e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
 As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
 provam apenas que a vida prossegue
 e nem todos se libertaram ainda.
 Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
 prefeririam (os delicados) morrer.
 Chegou um tempo em que não adianta morrer.
 Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
 A vida apenas, sem mistificação”.
 (ANDRADE, 2012, p.51)

E a seguir, “Elegia 1938” que segue a mesma argumentação:

“Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
 onde as formas e as ações no encerram nenhum exemplo.
 Praticas laboriosamente os gestos universais,
 sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.

Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,
 e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a concepção.
 À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze
 ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.

Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra
 e sabes que, dormindo, os problemas de dispensam de morrer.
 Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina
 e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.

Caminhas entre mortos e com eles conversas
 sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.
 A literatura estragou tuas melhores horas de amor.
 Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
 e adiar para outro século a felicidade coletiva.
 Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição porque não podes, sozinho,
 dinamitar a ilha de Manhattan”.
 (ANDRADE, 2012, p.67)

Caminhando para o arremate da presente argumentação, e tendo sempre em vista as categorias da vida cotidiana, da particularidade e das formas sensíveis intensificadas, do partidarismo e do processo de desfeticização, tendo em vista

também a realidade sócio e material que está na base dos projetos “Lavras de Versos”, da obra poética de Drummond e do presente trabalho de conclusão de curso, segue apresentado o poema “Mãos Dadas”

“Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, do tempo presente, os homens presentes,
a vida presente”.
(ANDRADE, 2012, p.53)

Este é o poema que nas experiências dos círculos de cultura, saraus, discussões já feitas nos projetos “Lavras de Versos”, aponta e evoca o enfrentamento, a coletividade, luta por uma nova ordem societária. Pode-se afirmar então que a arte, através das suas formas específicas, sensíveis de reflexão da vida, das objetivações humanas da realidade, cumpre um papel desfetichizador, permitindo que os sujeitos compreendam o lugar que ocupam em uma sociedade marcada pela contradição do Capital x Trabalho, potencializando a compreensão da realidade, das lutas de classe, do retrogrado e do progressista, do “velho” e do “novo” na história, no sentido de restituir nas mãos dos próprios sujeitos sociais, os produtores, a classe trabalhadora, as rédeas da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou a função social da arte, partindo da estrutura categorial, ontológica, da vida cotidiana, passando por investigações das categorias filosóficas no particular do singular e universal, num esforço de demonstrar a presença dessas categorias na realidade, na vida, bem como do lugar e da função das mesmas nas formas diversas do reflexo que vão se constituindo com os processos de humanização na história onde vão surgindo os campos específicos do reflexo estético científico da realidade. Demonstrou-se que na peculiaridade do estético e do artístico a categoria da particularidade, as formas sensíveis intensificadas, constituem um centro organizador onde o singular atravessado pelo universal e vice-e-versa, são superados sem deixar de conduzir ao particular suas substancias próprias.

Por argumentações como essa, conclui-se que o artístico e o estético em sua peculiaridade carrega uma potência desfetichizadora que abre para o fortalecimento da subjetividade, da autoconsciência dos homens; momento capaz de enriquecer a compreensão do mundo e as capacidades subjetivas de atuar e transformar o mundo lembrando que para Lukács junto com a desfetichização desenvolve-se o protagonismo dos homens na condução da vida social.

Essas categorias, argumentos e conclusão esboçados em termos gerais, mostram-se efetivos quando se analisa os projetos “Lavras de Versos”, a metodologia das suas oficinas/círculos de cultura, os seus saraus e atividades, bem como quando se considera e analisa a obra poética de Carlos Drummond de Andrade.

Tanto os projetos “Lavras de Versos” como a poesia de Drummond abrem para essa compreensão ampliada, sensível da realidade, atravessada pela “emocionalidade partidária”, no caso, classista, proletária. Conforme pode ser constatado nos poemas que seguem:

“O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.

Entre estatais
E multinacionais,
Quantos ais!

A dívida interna.
A dívida externa

A dívida eterna.

Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?"

(Lira Itabirana - Carlos Drummond de Andrade¹⁸)

“Chegou um tempo em que a vida é uma ordem
Que todos querem nos mandar
Lutar passou a ser tarefa de todos os dias
Eu tô cansada de ver a mesma coisa todas os dias
Vamos fazer uma diferença, pra mudar e fazer diferença
Chegou um tempo que não adianta morrer
Minha ordem é resistência, serei, seremos RE-SIS-TÊN-CIA!”

(Poema construído da oficina do Lavras de Versos Cabanas em 30 de Outubro de 2018)

¹⁸ Poema publicado em 1984 no jornal Cometa Itabirano. ”; extraído da ‘Revista movimento’ para este estudo em 28/11/2019.

ANEXOS

Anexo A – Poesias construídas nos projetos Lavras de Versos

FUI TOLHIDA PELO PRECONCEITO

Fui tolhida pela minha classe
 Ninguém tem o direito de fazer isso
 Por que tanto preconceito?
 Ninguém tem o direito de calar minha voz, minha esperança, meu grito.
 O preconceito dói mais que um tapa

Não entrei no banco por que sou preto
 Não consegui emprego porque sou negra
 Minha aparência não diz quem eu sou...
 Eu sofro preconceito
 Fui demitido porque sou negro

Fui alvo do preconceito
 E cresci pra trás, ao contrário e na contramão
 Dores, clamores, mas virão flores
 Fui excluída pela sociedade
 Fui marcado pelo preconceito, e a sede para combatê-lo me deu força.

Polícia dá geral em criança na prainha
 O preconceito que mata, que ceifa nossas vidas.
 Minha liberdade ora, não me pertence.
 Riem de mim porque falam que eu sou Maria macho.

Fui tolhida sim!
 De ser feliz, de me expressar, de amar!
 Me disseram que eu não iria conseguir...
 PRETA, FAVELADA, cabelo duro.
 Só vai fazer um monte de pirralhos, futuros BANDIDOS.
 Que ironia não? Eu escritora conhecida.
 Pois é, eu consegui! Eu estou aqui!

Poesia construída no sarau do Lavras de Versos - 26 de maio de 2018

DÓI NO POVO A DOR DO UNIVERSO

A dor do outro também deve ser nossa dor.
 A humanidade está perdida.
 Dor que humilha e alimenta.
 Cegueira, trevas, violência, tiro no escuro, pedaços de pau, lar sem muro
 Paraíso do mal e castelos de madeira.
 Hoje Deus anda de blindado cercado e protegido por dez anjos armados.
 O ódio, o sofrimento e a miséria são pedras no meio do caminho,
 Colocadas pela estrutura e curadas por mim.
 No Brasil quem tem opinião, morre.
 Das lágrimas que se faz a revolução!

Lavras de Versos Cabanas - 17 de Outubro de 2018.

NUNCA ME ESQUECEREI DESSE ACONTECIMENTO

Nunca me esquecerei do atual momento político que estamos vivenciando no Brasil.
 Perder direitos! Regressão!
 A morte que tomou o lugar da vida.
 Vi meu irmão morto, meu tio.
 O desânimo tomou conta de mim e a minha alegria foi embora.
 Eu perdi uma pessoa que eu amava, mas levantei a cabeça e superei tudo e segui
 em frente.
 Me chamaram de fraquejada e ontem eu chorei.
 Mas hoje, acordei e lutei.
 Tudo que me falaram foi com intenção de destruir a minha personalidade.
 Como fazer destas pedras a construção de um novo caminho?
 Eu sinto muita falta da minha avó, avô, o pai da minha mãe, a mãe do meu pai,
 Eu sinto muito por vocês.
 Descansem em paz, amo vocês.
 No fundo do coração eu sinto uma pedra no meu caminho
 Quem disse que iria ser fácil?!

Lavras de Versos Santo Antônio – 2018

NUNCA ME ESQUECEREI DESSE ACONTECIMENTO

O momento em que me foi roubada a liberdade
 Do lado de cá da trincheira, estamos taciturnos.
 De quando bateram na minha cara, me algemaram, e me colocaram no camburão
 O retrocesso, mas em avanço à guerra.
 Juntei as pedras de Drummomd e construí minha fortaleza.
 É tempo de ódio...
 Por mim, pelos meus, pelo povo.
 É tempo de medo, choro e dor.
 Mas também é tempo de esperança e união,
 de força para lutar por nossas existências.

*Bolsistas Lavras Santo Antônio 2018/1 –
 Andreza Caroline, Filipe Coelho, Izabella Rocha, Edvaldo Rocha, Lucas Aredes,
 Laura Leticia*

AS CONSEQUÊNCIAS DE UMA TRAGÉDIA

Eu queria que as barragens acabassem, as mortes e as brigas.
 Tragédia da barragem que fez muitas mortes
 Um crime quase premeditado.

Chegam, exploram vidas humanas, exploram a natureza e matam!
 Matam vidas, sonhos, lembranças. Destroem tudo por dinheiro.
 Com dinheiro não podemos comprar o amor, a felicidade, a amizade. Só
 tristeza e dor.

DESESPERO! Muitas famílias, perca de muitas pessoas, muitas crianças
 morrendo. Muitas pessoas se matando por causa de depressão.
 No começo a dor vai ficar, mas de uma coisa pode ter certeza:
 O sofrimento causa tristeza e dessa consequência traz outras que podem
 piorar e isso tudo é só um início...

Exploração e ganância, de que VALE a VIDA de tanta gente?
 A luta contra a opressão ter que ser diária, a VIDA VALE mais.
 Sentimentos, dores, coisas Ruins; com o esse R o chamado é para Renascer e
 (R)existir!

Lavras de Versos Cabanas - 10 de Abril de 2019

PENSEI EM DESISTIR

Por aqui viajei pelo ar
 Ficaste sozinho
 Dor, rancor, amor, solidão!
 Porque a mão de uma criança, história
 Teus ombros suportam o mundo
 E nada espera de teus amigos
 Antes da guerra era paz, depois não se sabe mais

Olhar para a vida e transformar o que podemos, lutar no sentido de vencer
 Flutuei nas ondas daqueles
 Eu pensei em desistir
 Mas olhei naquele lado e não desisti
 Numa noite longa amei
 Alguns achando bárbaro espetáculo prefeririam os delicados morrer.

Oficina Lavras Santo Antônio - 13/06/2019

NÃO DESISTIR DA LUTA

Aprendi que nós, em coletividade somos agente da sociedade,
 pois sua luta também é minha, e vice-versa.

Não desistir de lutar. O que você quer para a sua vida?! Não desistam das coisas
 bonitas que vocês tem.

Aprendi que mais vale lutar do que recolher dinheiro fácil.
 Ver na coletividade o sentido de seguir em frente.

Acredito que a empatia pode salvar o mundo. Ainda há tempo.
 Recomeçar na derrota,
 sempre seguir em frente.

Aprendi que mais vale lutar do que recolher dinheiro fácil,
 encerre a guerra e a hora da derrota.
 E como o sol que nunca esmorece, encontrar forçar para recomeçar!

Poesia construída da oficina Lavras de Versos Cabanas - 28/08/2019

Socorro, eu já não sinto nada

Se você fala que a depressão é uma frescura,
 Você não sabe o que é viver.
 Quando a pessoa está morrendo,
 Ela pede socorro.

Do tempo não se pede socorro
 De vez em quando poderia pedir
 Ou talvez não
 A gente tem que ter esperança que nós vamos conseguir
 Socorro, eu não estou sentindo nada.
 Nem medo nem calor nem fogo.
 Não vai dar mais para chorar, nem para rir

Peço socorro aos povos explorados
 Peço socorro às vítimas daquele crime
 Peço socorro aos meus
 E aguardo um novo amanhã.
 A cada verso um grito de socorro
 Ouça!
 Sem julgar, sem culpar, sem apontar.

Sentimentos, sentimentos meus
 Tanto tempo que não os vejo
 Sinto sua falta
 Vocês têm sido meu maior desejo

Socorro eu na não tenho mais sentimentos
 A minha vida é quase um instrumento
 Já não tenho coração
 Com a tristeza e a raiva fico até com depressão.
 Nem que seja um pouco de amor
 Se não ter esperança pode ter consequência
 Na vida eu passo até doença.
 Socorro, Socorro, Socorro.

Anexo B – Imagens



MINERAÇÃO DO OUTRO: PROGRAMA DE CULTURA E CRÍTICA SOCIAL

Palavras-chave: Arte, Sociedade, Questão Social, Serviço Social, Emancipação Humana

Kathiuça Bertollo¹ Drielle Trindade Gomes³ Edvaldo Cesar Rocha³
 Marlon Garcia da Silva¹ Iago Evangelista Marcos³ João Vitor de Freitas³
 Lara Silva do Espírito Santo² Izabella da Rocha Santos³ Erika Danielle Pereira³
 Isabela Fernandes Rezende³ Mariana Santos Oliveira³ Felipe de Souza Oliveira³
 Vitória Latorre de Carvalho³ Laissa Lamone Gomes³ Paloma Marques da Silva³
 Larissa Silva Pirolla³ Lucas Aredes³ Luane Oliveira Guedes³
 Mariana Monteiro Vieira³ Kathleen Soares Mello³

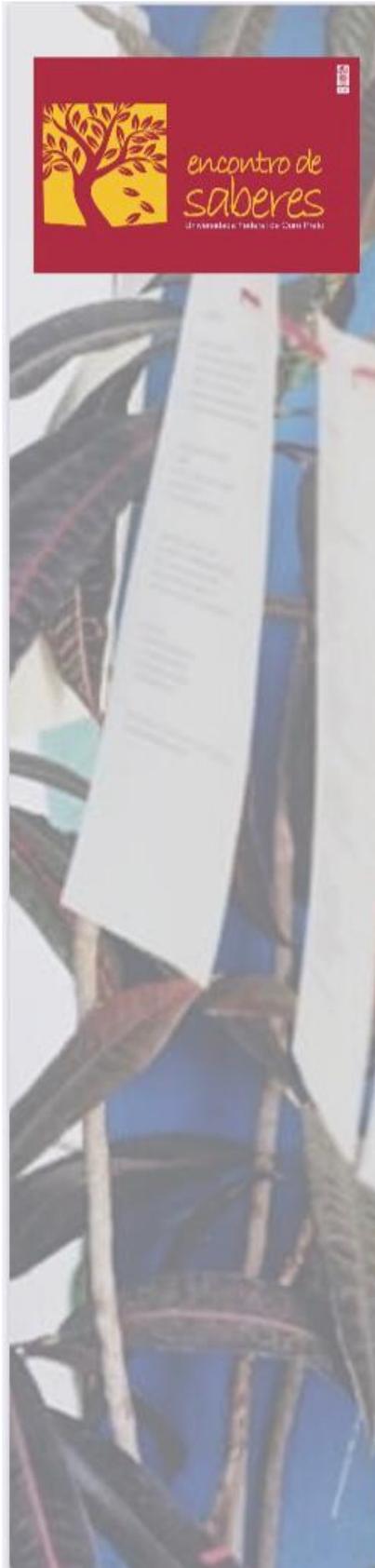
Programa de cultura e crítica social que tem por objetivo contribuir com a “lavra” da riqueza mais autêntica das Minas Gerais: o próprio povo mineiro trabalhador. Delimita-se como público alvo a classe trabalhadora. Vincula e articula cinco ações: o curso Ontologia e Estética-Arte e Sociedade, os projetos Lavras de Versos bairro Santo Antônio, Lavras de Versos bairro Cabanas, Cine Faisca e a Mostra Silvio Tendler de Cinema. Articula teoria à ação na unidade das práxis sociais. O curso oferece instrumentos teórico-analíticos para a apropriação de categorias fundamentais do estético a partir da estética marxista. Nos projetos Lavras de Versos se propõe a construção de um trabalho em círculos de cultura, onde adolescentes constituem e ocupam espaço para expressão e reflexão sobre a vida cotidiana, suas referências culturais e a interação com poesias, a fim de que possam ampliar e potencializar sua compreensão dos processos da realidade, e também componham seus próprios poemas. Os projetos Cine Faisca e Mostra Silvio Tendler de Cinema tem por finalidade estimular o acesso a filmes e documentários que retratam o cotidiano nacional e regional brasileiro, e estimular a reflexão da vida cotidiana e social. Em 2019 culminaram com a vinda do cineasta Silvio Tendler e lançamento de documentário inédito. Como resultados aponta-se: uma valorosa interação com a comunidade, o desenvolvimento de potencialidades da classe trabalhadora e de segmentos historicamente excluídos de acesso aos bens e serviços culturais, a apropriação de elementos estéticos das manifestações artísticas presentes na região, a construção do senso crítico favorecendo o aproveitamento da arte em todas as suas possibilidades e o enfrentamento de mazelas sociais contemporâneas, materiais e espirituais, promovendo a diversidade das expressões culturais existentes na região.

¹ Orientadores ² Autora ³ Coautores

50 UFOP **PROEX** Pró-Reitoria de Extensão **MINERAÇÃO DO OUTRO**

Banner para apresentação no Encontro dos Saberes ¹⁹ da UFOP em 2019.

¹⁹ O "Encontro de Saberes" é um evento anual da Universidade Federal de Ouro Preto que reúne e apresenta todas as atividades acadêmicas realizadas nesta universidades nos níveis de pesquisa e extensão.



PROJETO LAVRAS DE VERSOS - BAIRRO SANTO ANTÔNIO

Palavras-chave: Arte, Adolescentes, Poesia, Política de Assistência Social, Emancipação Humana.

Orientadores:

Kathiuça Bertollo
Marlon Garcia da Silva

Autora:

Izabella da Rocha
Santos

Co-Autores:

Mariana Santos Oliveira
Laissa Lamone Gomes
Paloma Marques da Silva
Luane Oliveira Guedes

O Lavras de Versos Bairro Santo Antônio é um projeto vinculado ao Programa de Extensão Mineração do Outro: Programa de Cultura e Crítica Social que também agrupa as ações: Lavras de Versos Bairro Cabanas, Curso de Extensão Ontologia e Estética-Arte e Sociedade, Cine Faísca e Mostra Silvio Tendler de Cinema. Tem por objetivo aproximar adolescentes ao universo das expressões artísticas e da poesia. É destinado a adolescentes usuários da Política de Assistência Social atendidos pelo Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) Volante Bairros, no município de Mariana-MG e atualmente conta com cerca de 20 participantes. Consiste em uma atividade socioeducativa organizada e desenvolvida a partir de círculos de cultura, partindo do diálogo e da reflexão crítica sobre as experiências cotidianas e referências culturais dos adolescentes onde também é proporcionada a interação com outras expressões da cultura mineira e universal, especialmente no campo da poesia. Os círculos de cultura ocorrem semanalmente no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). São realizados após reuniões de estudo e planejamento entre coordenadores, bolsistas e técnicos do CRAS. São apresentados poemas que dialogam com o cotidiano dos adolescentes e são desencadeados debates acerca da temática abordada buscando desenvolver nos participantes uma reflexão crítica e entendimento da sociedade e seus dilemas. A referência poética que o projeto assume como central das ações é o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade. Para além do momento reflexivo e sensível, o projeto também busca orientar os adolescentes sobre a estrutura e as formas da composição poética, a fim de que componham seus próprios poemas. Ainda, o projeto tem possibilitado que os adolescentes participem de eventos vinculados à política de Assistência Social em Mariana-MG, bem como na realização de eventos no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), como cinesdebates e saraus. O projeto existe desde 2014 e conta com 1 bolsista remunerado e 4 voluntários.



PROEX
Pró-Reitoria
de Extensão



Banner apresentado no Encontro dos Saberes da UFOP em 2019.



PROJETO LAVRAS DE VERSOS - BAIRRO CABANAS

Palavras-chave: Arte, Adolescentes, Poesia, Política de Assistência Social, Emancipação Humana.

Orientadores:

Kathiuça Bertollo
Marlon Garcia da Silva

Autor:

Lucas Aredes

Co-Autores:

Mariana Monteiro Vieira
Larissa Silva Pirolla
Kathleen Soares Melo

O Lavras de Versos Bairro Cabanas é um projeto vinculado ao Programa de Extensão Mineração do Outro: Programa de Cultura e Crítica Social que também agrupa as ações: Lavras De Versos Bairro Santo Antônio, Curso de Extensão Ontologia e Estética-Arte e Sociedade, Cine Faísca e Mostra Silvío Tandler de Cinema. Tem por objetivo aproximar adolescentes ao universo das expressões artísticas e da poesia. É destinado a adolescentes usuários da Política de Assistência Social atendidos pelo Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) Cabanas, no município de Mariana-MG e atualmente conta com cerca de 20 participantes. Consiste em uma atividade socioeducativa organizada e desenvolvida a partir de círculos de cultura, partindo do diálogo e da reflexão crítica sobre as experiências cotidianas e referências culturais dos adolescentes onde também é proporcionada a interação com outras expressões da cultura mineira e universal, especialmente no campo da poesia. Os círculos de cultura ocorrem semanalmente no CRAS. São realizados após reuniões de estudo e planejamento entre coordenadores, bolsistas e técnicos do CRAS. São apresentados poemas que dialogam com o cotidiano dos adolescentes e são desencadeados debates acerca da temática abordada buscando desenvolver nos participantes uma reflexão crítica e entendimento da sociedade e seus dilemas. A referência poética que o projeto assume como central das ações é o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade. Para além do momento reflexivo e sensível, o projeto também busca orientar os adolescentes sobre a estrutura e as formas da composição poética, a fim de que componham seus próprios poemas. Ainda, o projeto tem possibilitado que os adolescentes participem de eventos vinculados à política de Assistência Social em Mariana-MG, bem como na realização de eventos no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da UFOP, como cines-debates e saraus. O projeto existe desde 2018 e conta com 1 bolsista remunerado e 4 voluntários.



PROEX
Pró-Reitoria
de Extensão



Banner apresentado no Encontro dos Saberes da UFOP em 2019.



Oficina/Círculo de Cultura – Lavras de Versos Santo Antônio 2017



Oficina/Círculo de Cultura – Lavras de Versos Santo Antônio 2018



Oficina/Círculo de Cultura – Lavras de Versos Santo Cabanas 2018



Oficina/Círculo de Cultura – Lavras de Versos Santo Cabanas 2019



Sarau Lavras de Versos – 2018



Sarau Lavras de Versos – 2018



Oficina/Círculo de Cultura - Lavras de Versos Santo Antônio e Cabanas - 2018



Sarau Lavras de Versos – 2019



Sarau Lavras de Versos – 2019



Sarau Lavras de Versos – 2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. 1ª ed – São Paulo: Companhia de Letras, 2012. (Original publicado em 1940)

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. NETO, José Paulo. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 9ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LUKÁCS, G. _____. **Estética I: la peculiaridad de lo estetico**. Barcelona; México: Grijalbo, 1966.

_____. 2. Problemas de la mínesis. In: _____. **Estética I: la peculiaridad de lo estetico**. Barcelona; México: Grijalbo, 1967. p. 7-544. Cap. 2.

_____. 3. Categorías psicológicas y filosóficas básicas de lo estético. In: _____. **Estética I: la peculiaridad de lo estetico**. Barcelona; México: Grijalbo, 1967. p. 7-343. Cap. 3.

_____. 4: Cuestiones liminares de lo estetico. In: _____. **Estética I: la peculiaridad de lo estetico**. Barcelona; México: Grijalbo, 1967. p. 7-296. Cap. 4.

_____. **Introdução a uma estética marxista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Volume I, Livro Primeiro: O processo de Produção do Capital – Tomo 1. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

.Marx, K. (2005). **Crítica da filosofia do direito de Hegel** – introdução. In K. Marx, *Crítica da filosofia do direito de Hegel* (R. Enderle; L. Deus, trads., pp. 145-156). São Paulo, SP: Boitempo. (Original publicado em 1844)

PATRIOTA, Rainer Câmara. **A relação sujeito-objeto na Estética de Georg Lukács: reformulação e desfecho de um projeto interrompido**. 2010. 284 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, Marlon Garcia da. **A Filosofia como Complexo Ideológico na Obra Tardia de György Lukács**. 2018. 301 f. Tese (Doutorado) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.